# TENONDERÃ YVY HA'EGUI KA'AGUY

# PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL

# TERRA INDÍGENA SALTO DO JACUÍ

# TEKOA PORÃ

Identificação do projeto
**PLANO DE GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL EM TERRAS INDÍGENAS GUARANI**

Organização Financiadora
**NEWTON FUND - BRITISH COUNCIL**

Organização Beneficiária
**CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA**

Responsáveis pela execução do projeto
**CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA - CTI**
**ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS E PROJETOS COM POVOS INDÍGENAS E MINORITÁRIOS - AEPIM**

Coordenadora do Programa Guarani
**MARIA INÊS LADEIRA**

Coordenadores do projeto
**BRUNO M. MORAIS E ELIZA CASTILLA**

Equipe técnica de trabalho de campo e de elaboração PGTA
**DIEGO DUARTE ELTZ E GUILHERME FUHR**

Colaboradores
**BEATRIZ BRAGA, CRISTHIANO KOLINSKI, DANIEL PIERRI, JULIA NAVARRA E RODRIGO COSSIO**

Elaboração dos mapas
**CRISTHIANO KOLINSKI E GUILHERME FUHR**

Revisão redacional
**ALINE ARAÚJO E TADEU BREDA**

Diagramação final
**CRISTHIANO KOLINSKI**

Equipe indígena

Confecção de mapas:
**ÂNGELO ROBERTO NUNES**
**AURELIANO FERNANDES BRISOELA**
**EDSON NATALÍCIO BENITES**
**MARCELO BENITES**
**MARCIO NATALÍCIO**
**NARCISO FERNANDES**
**NELSON DUARTE**

Desenho dos ícones para legendas dos mapas:
**NARCISO FERNANDES**

Fotografias:
**ADÉLCIO NATALÍCIO**
**FABRICIO MARIANO BENITES**
**FELIPE MARTINS SANCHES**
**MARCOS BENITES CAMPOS**

Operação de GPS:
**MARCOS BENITES CAMPOS**

Mediadores e Lideranças da comunidade:
**ANÍSIO NATALÍCIO - Cacique**
**VALDIR MARIANO – Vice-cacique**
**MARCIO MARIANO – professor indígena**
**ROBERTO FERNANDES - professor indígena**
**JEAN NATALÍCIO MARTINS - professor indígena**
**LEANDRO SILVEIRA - professor indígena**
**JOSÉ FERNANDES**
**LUÍS NATALÍCIO**
**NÚNCIO BENITES – Karai Tataendy Mirĩ**
**ROSALINA NATALÍCIO – agente de saúde indígena**
**BEATRIZ NATALÍCIO FERNANDES**
**MARILU NATALÍCIO FERNANDES**
**LETICIA NATALÍCIO**

# TENONDERÃ YVY HA'EGUI KA'AGUY

**Plano de Gestão Territorial e Ambiental**

**Terra Indígena Salto do Jacuí**

# TEKOA PORÃ

**Salto do Jacuí**

**Rio Grande do Sul**

**Porto Alegre, agosto de 2017**

**Execução:**

CTI Centro de Trabalho Indigenista

YVYRUPA

**Parceiros:**

Newton Fund

AEPIM

FUNAI

# LISTA DE MAPAS

MAPA ELABORADO PELA COMUNIDADE..... 15

MAPA DE LOCALIZAÇÃO..... 16

COBERTURA DO SOLO..... 21

COBERTURA DO SOLO E ESTRUTURAS..... 23

MAPA DE ÁREAS DE KOKUE - ROÇA..... 43

ATIVIDADES PRODUTIVAS E RECURSOS NATURAIS..... 119

MAPA DE ÁREAS DE SILVICULTURA NA TI: KALIPIOTY/EUCALIPTO E PINHONDY/PINUS..... 125

CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS..... 131

ETNOZONEAMENTO - MAPA DE FUTURO..... 149

ETNOZONEAMENTO - MAPA DE FUTURO - DEMANDA DE ESTUDOS DE ATUALIZAÇÃO DE LIMITES..... 150

# LISTA DE TABELAS

TABELA 1: PRINCIPAIS VARIEDADES AGRÍCOLAS CULTIVADAS NA TEKOA PORÃ..... 53

TABELA 2: ESPÉCIES DE PEIXES PESCADAS NA TEKOA PORÃ..... 77

TABELA 3: ESPÉCIES FORNECEDORAS DE BOA LENHA..... 88

TABELA 4: RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES FRUTÍFERAS NATIVAS CONSUMIDAS..... 99

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 9

METODOLOGIA.....11

TEKOA PORÃ , A TERRA INDÍGENA SALTO GRANDE DO JACUÍ..... 19

LEMBRANDO DO PASSADO E REFLETINDO O FUTURO.....25

A NOSSA SAÚDE.....29

A EDUCAÇÃO DA TEKOA PORÃ..... 35

ATIVIDADES PRODUTIVAS.....39

CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS.....121

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TI SALTO DO JACUÍ - TEKOA PORÃ..... 133

GLOSSÁRIO.....151

# APRESENTAÇÃO

O Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) que segue é parte integrante de um projeto executado pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI), em parceria com a Comissão Guarani Yvyrupa, e com a colaboração do Fundo Newton de Pesquisa. Evidenciaram-se as relações territoriais do povo Guarani no Brasil, no que tange às atividades desenvolvidas nas áreas já demarcadas, bem como aos entraves socioambientais, econômicos, políticos e jurídicos correlatos. A proposta consistia na elaboração posterior de Planos de Gestão Territorial e Ambiental para as Terras Indígenas (TI) de forma colaborativa, envolvendo a participação dos Guarani, de técnicos, de pesquisadores, de gestores governamentais e da sociedade civil.

O Conselho de Articulação do Povo Guarani do Rio Grande do Sul (CAPGRS), deliberou que as TIs Tekoa Porã, no Salto do Jacuí, e a Tekoa Jata'ity e a Tekoa Mirim, na região do Cantagalo, seriam as beneficiárias do projeto. Na reunião entre estes coletivos foi acordada necessidade de estender a implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI) para as TIs Mbya Guarani no Brasil meridional. A escolha dessas TIs está relacionada, principalmente, com a presença de monocultura de eucaliptos na Tekoa Porã, cujos efeitos serão abordados ao longo deste trabalho, e com o fato de que a TI do Cantagalo ainda não ter sido totalmente desintrusada.

O PGTA da Tekoa Porã abarca, em especial, temas relacionados com a Segurança e Soberania Alimentar, com o manejo dos recursos naturais existentes na região, com as fontes de geração de renda, e com as condições de habitabilidade e de usufruto da terra. O texto segue com a apresentação da metodologia utilizada, descrição da Tekoa Porã e como ela é percebida pela comunidade, trazendo uma reflexão sobre o passado e o desejo de um futuro melhor, como as práticas de manutenção da saúde ocorrem, na perspectiva guarani, e sua relação com as políticas de saúde. Segue com a importância do etnodesenvolvimento da educação e uma descrição das atividades produtivas praticadas, passando pelos conflitos socioambientais enfrentados pela comunidade e, finalmente, culminando no Plano de Gestão Ambiental e Territorial da Tekoa Porã.

Esta publicação apresenta os resultados deste trabalho, podendo servir como subsídio para a elaboração e para a implementação de políticas públicas que estejam adequadas ao projeto de futuro Guarani, levando em conta seus sistemas próprios de pensar a vida. Para tanto, não se limita somente às restrições territoriais, por mais que sejam elementos indissociáveis para a superação dos entraves atualmente existentes para o pleno bem viver da comunidade.

# METODOLOGIA

As atividades metodológicas foram planejadas no sentido de explicitar os principais elementos para a consecução do Bem Viver Mbya Guarani. Para tanto, o delineamento de estratégias e de ações locais levou em conta as práticas decisórias, organizacionais e de articulação do povo Guarani no Brasil.

Diversos foram os encontros com as lideranças políticas no período que antecedeu o levantamento de campo na Tekoa Porã. No mês de junho de 2016, o Projeto foi apresentado durante a reunião da Comissão Guarani Yvyrupa, em São Paulo/SP. Nessa oportunidade, discutiram-se as principais demandas dos Territórios do Sul e do Sudeste do país, além das regiões que deveriam ser contempladas. Como dito anteriormente, deliberou-se pela construção de dois PGTAs no Estado do Rio Grande do Sul. A partir disso, a equipe técnica do Projeto percorreu as TIs já demarcadas, com a finalidade de convidar os coletivos para um encontro na Tekoa Ka'aguy Porã, localizada no Município da Barra do Ribeiro, em julho de 2016.

A maior parte dos dados presentes neste PGTA foi coletada entre os meses de agosto de 2016 e janeiro de 2017, quando foram realizados três levantamentos de campo na Tekoa Porã, com duração, em média, de sete dias. Como esse período compreende a época de plantio, procurou-se aliar a construção do PGTA com o desenvolvimento das atividades cotidianas da comunidade. A esse respeito, cumpre referir que, a partir de um diagnóstico socioambiental elaborado em conjunto com os Guarani, entendeu-se pela necessidade de que parte dos recursos provenientes do Projeto fossem aplicados em benefício da lavoura, com a compra de variedades de sementes e de ferramentas agrícolas, por exemplo.

O etnomapeamento e o etnozoneamento foram os instrumentos utilizados para o reconhecimento do Território, bem como para mediar a interlocução entre os técnicos e a comunidade.

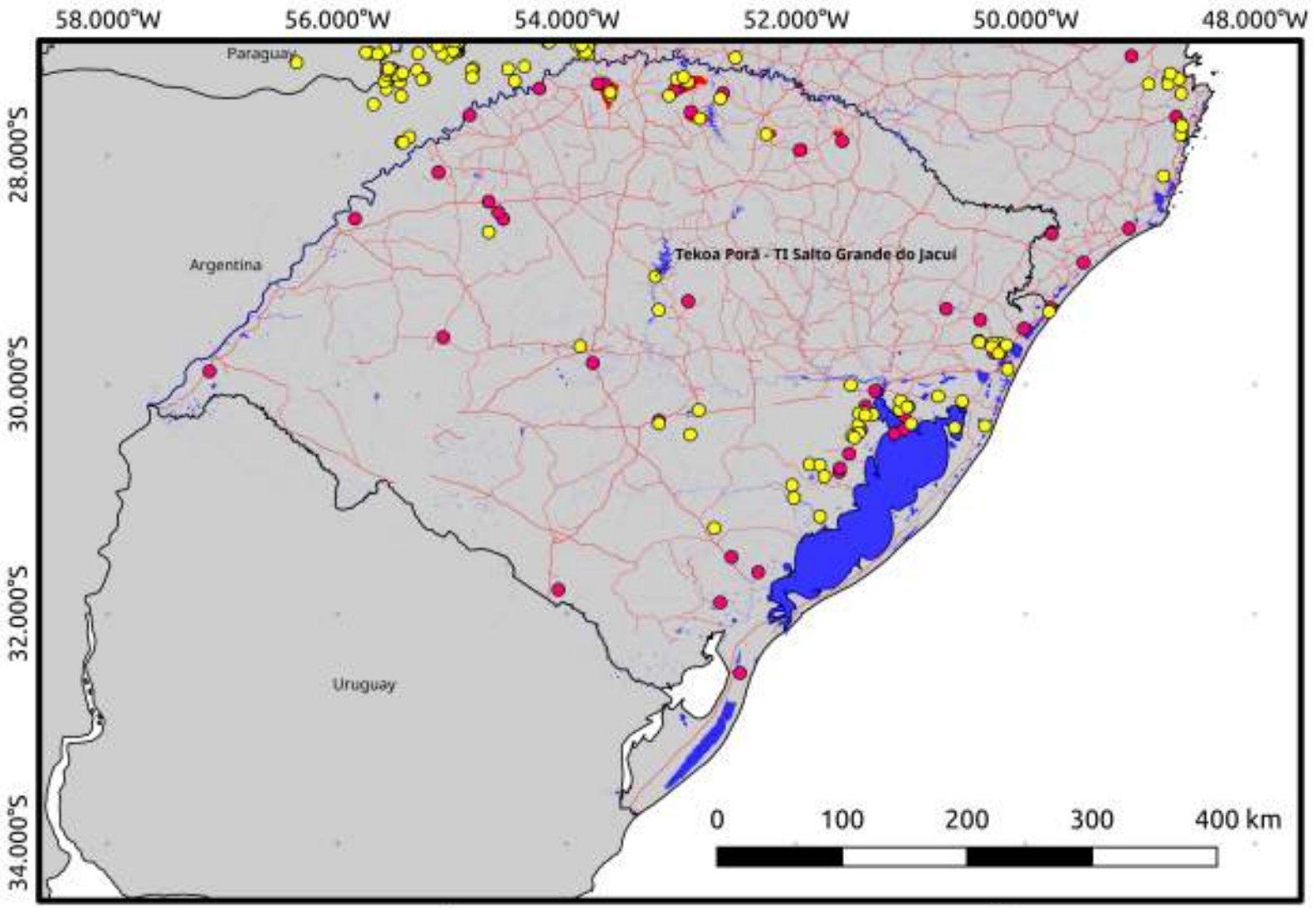
A partir dos desenhos de mapas da Tekoa Porã, como o que veremos a seguir, se deram os primeiros passos para a construção do etnomapeamento. Esses instrumentos serviram como ferramenta transdisciplinar para a elaboração do Plano de Vida (ou Bem Viver), tendo em conta os conhecimentos dos *karai kuery* sobre a terra e sobre as matas.

Foram realizadas oficinas de georreferenciamento, de registro audiovisual e de elaboração de mapas mentais, com o intuito de evidenciar as formas de representação e de significação dos Mbya sobre o espaço por eles ocupado, em suas mais variadas dimensões de sociabilidade. Pretendeu-se abarcar, a partir da categoria território, as formas de relação com a natureza, com a espiritualidade e com a produção de corpos e de pessoas, dentre outros elementos.

Por óbvio, o texto que segue não esgota a complexidade das referidas variáveis. A proposta de um empreendimento coletivo de reflexão socioambiental envolve múltiplos locais de fala, o que imprime às tentativas de tradução polifonias dificilmente superáveis.

Assim, o PGTA representa uma síntese das principais problemáticas territoriais levantadas na Tekoa Porã, quando da relação dialógica que fundamentou o Projeto.

MAPA ELABORADO PELA COMUNIDADE




# MAPA DE LOCALIZAÇÃO TI SALTO GRANDE DO JACUÍ

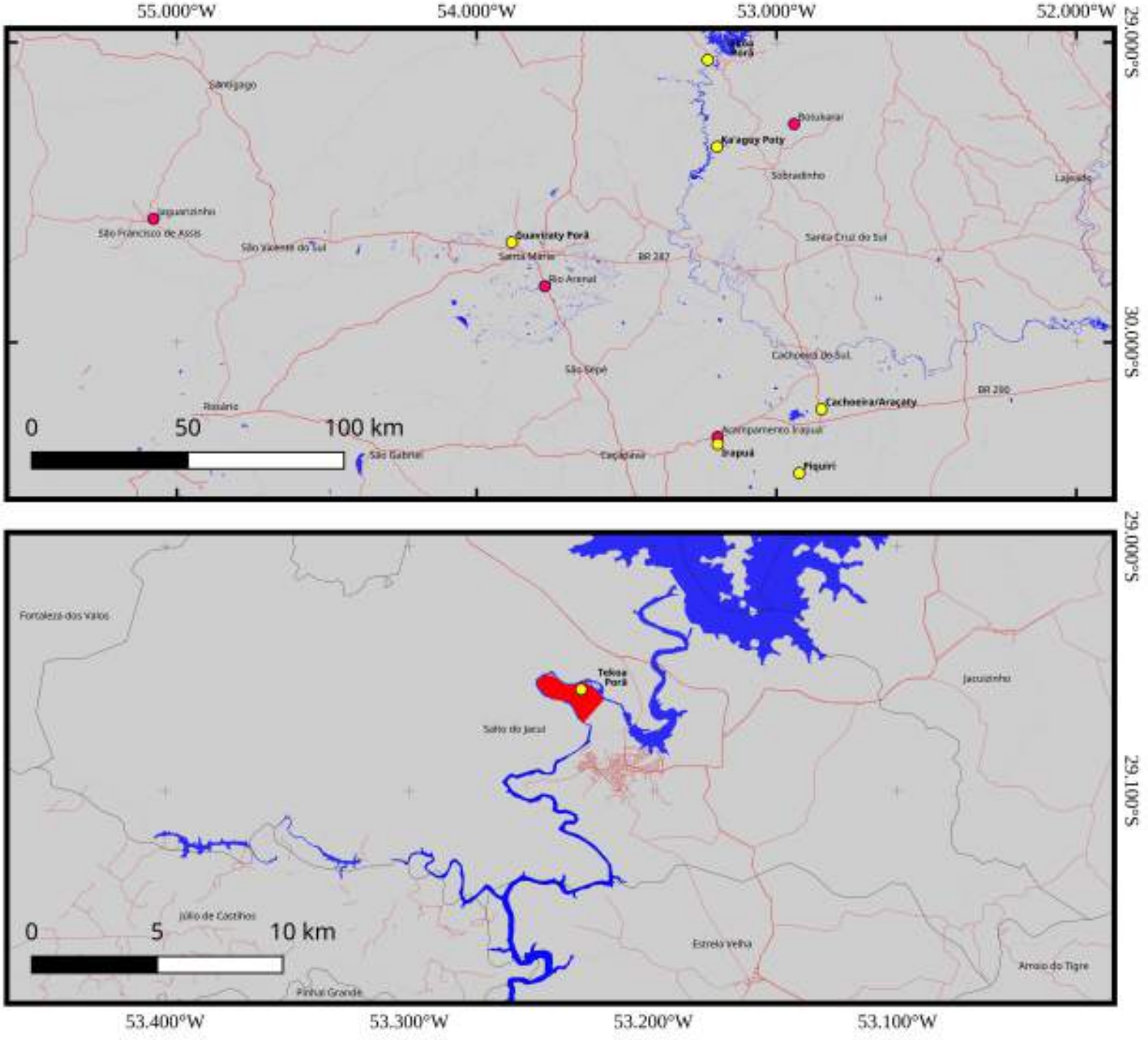
LEGENDA

- aldeias atuais
- aldeias antigas
- terras indígenas
- sistema hídrico
- sistema viário

N

SIRGAS 2000 - EPSG 4674
FEV 2017

FONTE:
Hasenack, H; Weber, E (org.) Base Cartografica vetorial continua do Rio Grande do Sul - escla 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS-IB-centro de Ecologia, 2010.
Mapa Guarani Digital, 2017.


55.000°W
54.000°W
53.000°W
52.000°W
29.000°S
30.000°S
Santiago
São Francisco de Assis
São Vicente do Sul
Quaraí
Santa Maria
Rio Arenal
BR 287
Sobradinho
Lajeado
Santa Cruz do Sul
Cachoeira do Sul
São Sepé
Rosário
BR 290
Cachoeira/Araçaty
Acampamento Irapuá
Irapuá
Piquiri
São Gabriel
Caçapava
0
50
100 km
29.000°S
29.100°S
Fortaleza dos Valos
Tabaí
Porã
Salto do Jacuí
Jacuizinho
João de Castilhos
Estrela Velha
Arroio do Tigre
Pinhal Grande
0
5
10 km
53.400°W
53.300°W
53.200°W
53.100°W

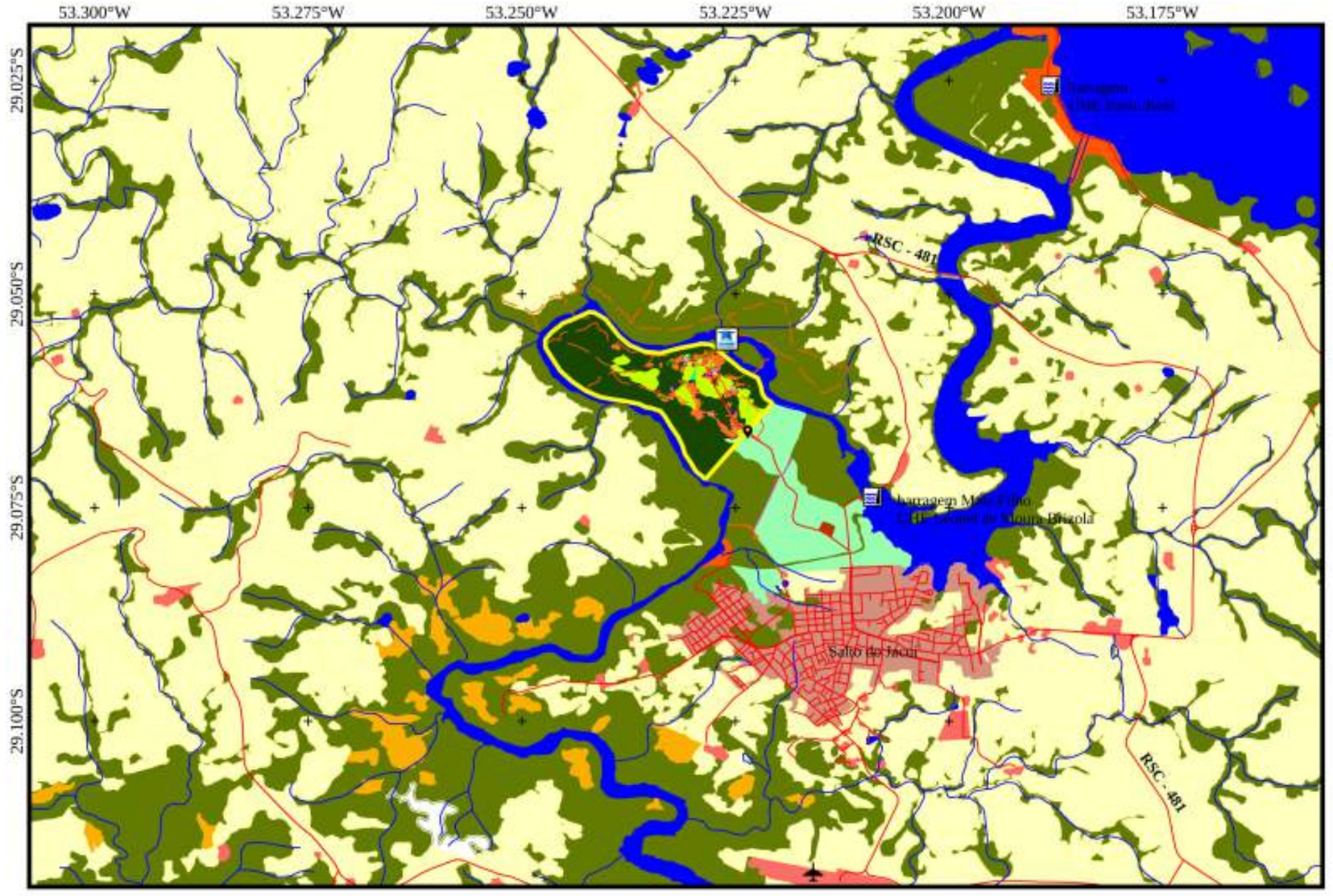
# TEKOA PORÃ,
# A TERRA INDÍGENA SALTO GRANDE DO JACUÍ

Através do uso de mapas e de imagens de satélites, foi realizada a interpretação da paisagem da região pelos Mbya. Como resultado, seguem dois mapas em diferentes escalas.

O ambiente da TI foi classificado de acordo com as categorias e formas de uso indígenas. As matas nativas foram divididas entre capoeiras (*Ka'aguy yvyi'i*) e matas maduras (*Ka'aguy*). O campo (*Nhundy*) ocupa uma porção pequena da TI. As espécies exóticas (silvicultura) foram diferenciadas entre as áreas de Eucalipto (*Kalipioty*) e área de Pinus (*Pinhondy*).

Também foram identificadas as áreas em que os Mbya cultivam a agrobiodiversidade. Nesse quesito destacam-se os espaços de roças familiares (*Kokue*) e os quintais agroflorestais (*Oka*), espaços no entorno das casas. As principais trilhas (*Tapepo'i*) utilizadas cotidianamente também foram localizadas. Ainda, as estruturas existentes na Terra Indígena foram situadas no mapa, como, por exemplo, a escola, o posto de saúde, a caixa d'água e a casa de reza (*Opy*).

Como resultado do processo de etnomapeamento, constatou-se que a cobertura do solo na Tekoa Porã apresenta, aproximadamente, 75% do território florestado por capoeiras e matas maduras (176 ha), 14,5% de silvicultura, plantações de eucalipto e de pinus (33,5 ha), 9,5% destinado aos espaços de roça (21,5ha de *kokue*), e apenas 0,75% de campos (1,7 ha). Os outros 0,75% são correspondentes aos núcleos habitacionais.




MAPA TEMÁTICO

# COBERTURA DO SOLO REGIONAL

## TI SALTO DO JACUÍ

LEGENDA

- perímetro TI
- sistema viário
- sistema hídrico
- tapepo'i / trilhas guarani
- aeroporto
- entrada da TI
- queda d'agua
- barragem

COBERTURA DO SOLO

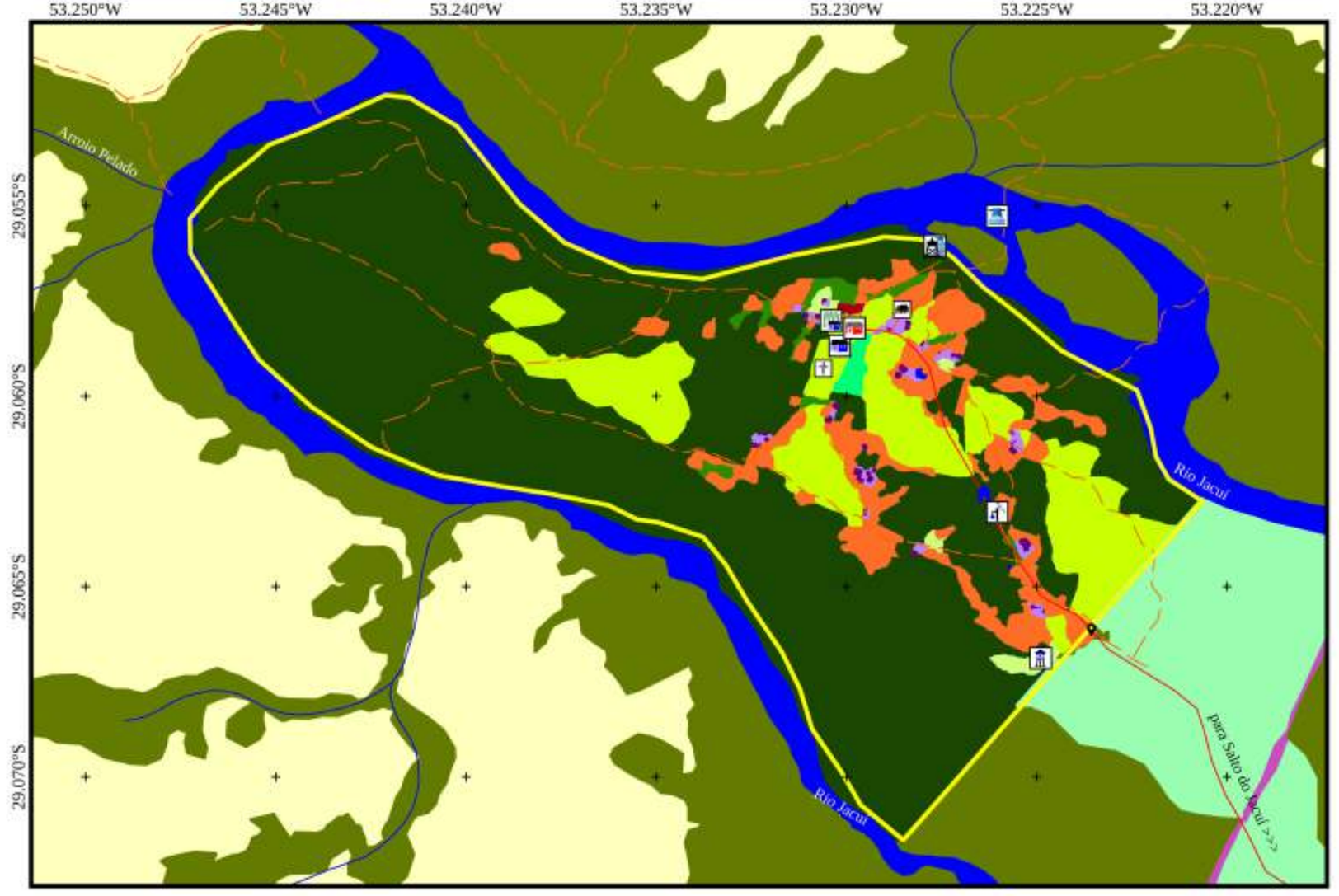
- ka'aguy - mata nativa
- ka'aguy yvyi'i - capoeira
- kalipioty - eucalipto
- pinhondy - pinus
- nhundy - campo
- kokue - roça
- oga - casa
- oka - pátio
- jaugaa - campo de futebol
- yy no'õ - açude
- zona urbana do Salto do Jacuí
- edificação rural no entorno
- agropecuária intensiva
- silvicultura de exóticas no entorno
- mata nativa no entorno
- barragem
- aeroporto
- linha de transmissão
- mineração
- lixão

0 1000 2000 3000 m

ESCALA 1:40000
SIRGAS2000 - EPSG: 4674
FEV 2017

N

FONTE:
Interpretação imagens de satélites Google Earth e mapas elaborados pela comunidade.
Hasenack, H.; Weber, E. (org.). Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS-IB-Centro de Ecologia. 2010.
Funai, 2015. Terras Indígenas do Brasil.
OpenStreetMap, 2016.




MAPA TEMÁTICO

# COBERTURA DO SOLO E ESTRUTURAS

## TI SALTO DO JACUÍ

### LEGENDA

- perímetro TI
- tapepo'i - trilha
- sistema viário
- sistema hídrico
- entrada da TI
- casa de bomba do poço
- poço artesiano
- caixa d'água
- mirante do salto
- queda d'agua
- escola
- horta escolar
- posto de saúde
- opy - casa de rezas
- yvy kua renda - cemitério

### COBERTURA DO SOLO

- ka'aguy - mata nativa
- ka'aguy yvyi'i - capoeira
- kalipioty - eucalipto
- pinhondy - pinus
- nhundy - campo
- kokue - roça
- oga - casa
- oka - pátio
- jaugaa - campo de futebol
- yy no'õ - açude
- agropecuária intensiva
- silvicultura de exóticas no entorno
- mata nativa no entorno
- linha de transmissão

0 250 500 m

Escala 1:9000
SIRGAS 2000 - EPSG: 4674
FEV 2017

N

FONTE:
Interpretação imagens de satélites Google Earth e mapas elaborados pela comunidade.
Hasenack, H.; Weber, E. (org.). Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS-IB-Centro de Ecologia. 2010.
Funai, 2015. Terras Indígenas do Brasil.
OpenStreetMap, 2016.

# LEMBRANDO DO PASSADO E REFLETINDO O FUTURO

A presença de Guarani Mbya e Xiripá no Salto do Jacuí remonta a tempos imemoriais. No entanto, o exercício das formas de conhecimento do passado dos Guarani passam pelas histórias contadas pelos xeramoi e xejary. Nesse sentido, conhecer a história verdadeira, para os Guarani Mbya, não é conhecer a história através dos livros, por mais que estes sirvam como uma importante forma de registro.

Nos relatos colhidos por Rodrigo Venzon, citados no Relatório de Identificação da Terra Indígena do Salto do Jacuí, o então cacique da Terra Indígena Guabiroba, Antônio Mariano (falecido durante o levantamento deste trabalho), conheceu a região com o primo de seu pai, Natalício Mariano, que veio para a região ancestral do Lagoão.

Após a extinção do Toldo, foi com seus parentes para o Toldo Guarani (TI Guabiroba), mas voltaram para a região da serra do Botucaraí. Tendo como referência as histórias das ruínas das Missões Jesuíticas de São João Batista, da cachoeira do Salto do Jacuí, estes seguiam o mesmo caminho percorrido pelo *karaí* Venâncio Pereira, que trouxe um grupo vindo do Rio Iguaçu, no Paraguai, para fugir de doenças.

Com a construção da Barragem Maia Filho, já nos anos 1950, houve um esvaziamento da aldeia estabelecida no Jacuí. Segundo a memória de seus parentes, Benito Oliveira e, depois seu filho, João de Oliveira, foram as lideranças que se mantiveram no Salto do Jacuí, com apoio de Juancito Oliveira, sogro do *xeramoi* Nuncio, que fizeram uma longa caminhada na construção de várias *tekoa* no Rio Grande do Sul.

Atualmente, a reflexão é que daquele tempo para hoje as coisas foram melhorando pelo fato da escola auxiliar e buscar os conhecimentos do *xeramoi*, pois é a comunidade que faz a escola, e o *xeramoi* João Oliveira lutava muito pelo costumes Mbya Guarani, pelos diretos e o *nhandereko*.

Há pouco tempo, na *tekoa*, as casas (*oga*) eram apenas com o telhado de palmito. No entanto havia mais mata, na estrada não entrava patrola e tinham mais animais. Depois cortaram tudo para plantar eucalipto e destruíram a mata nativa, reduzindo a presença dos tatus, quatis e passarinhos. Mas também havia a *Opy* toda rodeada de madeira e se podia sentir a força dos mais velhos quando faziam as reuniões. Eles sempre contavam o que se devia fazer, sempre na *Opy*, porque era preciso ir à casa de reza. Nessa época morava o sogro de Márcio Mariano e ele sempre

vinha visitar o Salto do Jacuí, ele lembra que nessa época morava o José Fernandes e o *xeramoi* Núncio. Com o falecimento do *xeramoi* Oliveira, a comunidade busca manter o que ele fez e por isso não se pode deixar de ter a *Opyi*.

Isto está marcado na memória coletiva e não se pensa que será esquecido, pois o *xeramoi* tem cada vez mais força, faz a todos viverem, inclusive os mais jovens perceberem que é importante plantar, ter *ka'aguy*, ter água e não esquecer o dia a dia.

Também é lembrada a importância da finada *xejary* Timótea, líder das kunhã *karai*, que sempre falava para ter o *nhandereko*, que sempre dizia que nunca iria se cansar de repetir para a comunidade, pois esse é o jeito Mbya Guarani de viver para o bem das crianças e da comunidade. Seu papel foi sempre o de apoiar os caciques, ajudando a dar os conselhos.

Neste momento, se espera a vinda de uma líder *kunhã karai* forte como o *karai* João Oliveira. A *xejary* Timótea dava seus conselhos para os casais jovens de como criar seus filhos, ter saúde e harmonia. Mesmo aqueles que duvidaram dos conselhos dela de como viver e o que se deve fazer como pai ou mãe perceberam, a partir da sua própria vivência, que suas palavras eram a maneira verdadeira de viver em família. Esta foi a raiz que os *xeramoi* e as *xejary* deixaram, sempre contando as histórias. A busca por tentar entender seus ensinamentos possibilitou levar para o futuro suas palavras. Este é o caminho Mbya Guarani.

# A NOSSA SAÚDE

A primeira coisa que o *juruá* tem que fazer é conhecer a nossa cultura como funciona. Não adianta os médicos entrarem com o pensamento de que os Mbya Guarani respondem aos tratamentos de doenças da mesma forma que os *juruá*. A *Opy* é o lugar onde procuramos proteção e força. Quando ela é frequentada pela comunidade, pelas crianças desde pequenas, as doenças quase não atingem a comunidade. Quando estamos cantando, dançando e rezando nós fazemos com que as doenças, e os espíritos que as trazem, fiquem distantes.

O rio tem espíritos que não são bons pra nosso espírito e porque moramos perto de um rio temos que estar sempre na *Opy* com o *karai* para que estes espíritos não queiram nos fazer o mal. O *karai* pede pelo nome de cada um, para que seja protegido por *Nhanderu*, este que tem vários *xondaro* que podem olhar por nós em todos os momentos, quando estamos na *tekoa* e, principalmente, quando viajamos para fora dela. Para isso *nhaderamói* avisa o *karai* quando uma pessoa deve ou não sair da *tekoa*. Para o *karai*, a responsabilidade maior é a do *nhanderamói*, pois vai mostrar onde e quando vai fazer roça, capinar, caçar, pescar, pois ele nos avisa quando pode acontecer algo de mau.

Quando temos doenças espirituais o *karaí* reza para *Nhanderú* para melhorarmos. Em algumas aldeias os *karai* não estão presentes e outros Mbya Guarani que estão com

problemas de saúde espiritual ficam presos à saúde não indígena, enquanto precisam vir para a *Opy* da *Tekoa Porã* ou outras aldeias em que está o *karai*. Por isso os médicos devem entender quando a questão é para ser resolvida por um *karai*: se uma pessoa passa por uma série de exames e não consegue achar a doença, pode ser um problema que o *karai* resolva. Então a pessoa deveria voltar para *tekoa* pelo menos um dia para ser avaliada pelo *karai*. Normalmente, quando a pessoa indígena está internada em um hospital e precisa de ajuda espiritual de um *karai*, ela não consegue liberação para se tratar na casa de reza.

Nós, Mbya Guarani, temos a saúde diferenciada. Crianças e adultos, quando estão sentindo uma doença, são levados para a *Opy*. O xeramoi vai decidir se deve levar para o hospital ou se vai usar o *puã* para curar essa doença. Nosso alimento tem que ser apresentado para *Nhanderú* através do *karai* na *Opy*, para ser abençoado e não nos fazer mal. Cada plantação tem que ter as sementes levadas para casa de reza e, depois, quando o alimento cresce e é colhido, também vai pra lá antes de ser consumido.

Para nós, é muito importante o tempo de fazer o *nhemongarai*. Nesse período, as meninas e as mulheres fazem *mbojapé* para levar na casa de reza para saber qual mulher não está bem, quem vai ser cuidada na casa de reza. A erva-mate nativa (ou plantada) é passada no fogo e cada um dos homens a deixa na casa de reza para *nhaderamói* dizer ao *karaí* quem tem problema de espírito, quem o *karai* precisa pedir para *Nhanderú* melhorar. Quando não tem erva-mate coloca mel dentro da taquara.

Se a pessoa está com tristeza, que não está com vontade de fazer coisas, o *xeramoi* conversa com o espírito da pessoa pra pessoa ter tranquilidade e ficar bem. O *nhemongaraí* acontece na casa de reza onde o *xeramoi* dá o *nheë* às *kiringue*, e essa é a importância do nosso nome para a nossa saúde. O *nhemongaraí* acontece entre janeiro e fevereiro, pois é o momento em que *Nhanderú* consagra as plantas. Nesses dias, os *xeramoi* recebem as palavras diretas de *Nhanderú* e a ele apresentam estas poucas palavras, que tem grande significado e são capazes de dizer o que vai acontecer no ano que está por vir.

Nas outras aldeias não se encontra tantas condições de fazer nossas casas tradicionais, mas nós conseguimos ter as nossas casas tradicionais porque temos *pindó*, taquara e barro. Mesmo vivendo em casas como as dos *juruá*, precisamos de uma casa tradicional ao lado, principalmente para que os mais velhos que não gostam de morar nas casas de alvenaria possam se sentir bem, fazer seu fogo de chão e cozinhar as comidas de forma tradicional. Nós vamos continuar assim mesmo. Porque agora, hoje em dia, não é como antigamente. Agora aumentaram as doenças de todos os tipos. Fizeram tanto trabalho em nossa terra, os estrangeiros fizeram asfalto, buzina, veneno nas plantações, e todo o dia sai fumaça e cheiros que nos deixam doentes. Se a doença é causada pelos *juruá*, temos que levar para o hospital para curar a doença que eles criaram. Antigamente, se a gente sentia dor de cabeça, tínhamos nosso remédio. Mas agora, quando sentimos essa dor, vêm junto outras doenças dos brancos, como febre amarela, HIV, tuberculose.

Por que temos posto de saúde na aldeia? Por que queremos ele todo equipado? Queremos consultório de dentista dentro da aldeia, isso é um serviço muito pequeno na nossa aldeia e queremos mais, para não termos que levar as pessoas da comunidade para fora, pois temos que ser tratados dentro da *tekoa*. Antigamente era apenas a nossa farmácia, o nosso remédio, e, agora, temos eucalipto tomando o lugar do nosso mato, que seca e está matando a nossa terra. Nós tínhamos todos nossos medicamentos, mas, no momento, não achamos alguns tipos de antibióticos naturais para tratar algumas doenças. Agora temos dificuldade de ter todos os medicamentos de que precisamos. Às vezes, precisamos comprar remédios, como antibióticos, com nosso próprio dinheiro.

Nossa fonte de água, antigamente, eram sanguinhas e nascentes de água que, com o tempo, o eucalipto secou. Quando começaram a colocar cloro na nossa água, nosso organismo começou a rejeitar, tivemos diarreia, mal-estar, mas com o tempo nos acostumamos. No começo toda a comunidade ficou com diarreia, as pessoas chegaram quebrar os galões de cloro e, por isso, não colocamos mais em nossa água. Do outro lado do rio tínhamos também nascentes que não tinham sido atingidas, mas a plantação de soja dos não indígenas fez com que toda essa água natural fosse contaminada. Por isso os jurua devem reconhecer a importância dos agentes de saúde para ensinar quem trabalha com saúde diferenciada e o respeito ao nosso uso do *petyngua*.

# A EDUCAÇÃO NA TEKOA PORÃ

Na educação dos Mbya Guarani, a criança precisa caminhar, visitar as outras *tekoa* e estar em contato com os locais narrados nas histórias dos *xeramoi* e das *xejary*. Necessita também aprender a reconhecer as plantas e os animais que fazem parte de sua formação no *mbyareko*.

A relevância do espaço escolar dos *jurua* está condicionada ao reconhecimento e à incorporação, nos planos de ensino e na estrutura da escola, dos interesses e dos aspectos culturais da comunidade. Quando isso ocorre, a escola se torna um espaço de envolvimento coletivo, contribuindo para a realização das atividades coletivas, como o trabalho nas roças e na horta, a pesca, a caça e a artesanato.

A escola da *Tekoa Porã* possui uma estrutura bastante precária. Não há salas em número suficiente para as aulas ou para a recreação. As duas salas de aula existentes foram erguidas pela própria comunidade, demonstrando a desídia do poder público em relação a essa questão. Afora as referidas salas, a escola conta com uma secretaria e uma cozinha. Ante a ausência de refeitório, a alimentação adequada das crianças resta comprometida nos dias de chuva ou de frio. Inexiste, ainda, biblioteca, sala dos professores, sala de informática e mesmo banheiro.

A melhora da escola faz parte da estratégia de fortalecimento da comunidade. Investimentos em ampliação

estrutural e em materiais didáticos, como computadores, por exemplo, facilitariam sobremaneira o ensino e a pesquisa locais.

Outro aspecto a ser considerado é que a proposta de uma escola bilíngue não tem sido suficiente. É imprescindível um projeto intercultural que vise fortalecer a língua, a cultura e a identidade Guarani. Neste sentido, o aperfeiçoamento dos professores e funcionários indígenas e não indígenas assume grande relevo.

Atualmente, são 6 os alunos cursando o Ensino Infantil, 32 cursando o Ensino Fundamental e 16 cursando o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Quatro são os professores indígenas e duas as merendeiras. Há, ainda, uma diretora, uma professora e uma servente não indígenas.

# ATIVIDADES PRODUTIVAS

Dentre as principais atividades produtivas da *Tekoa Porã*, destacam-se a agricultura, os manejos e cultivos da agrobiodiversidade, a criação e a domesticação de animais, a pesca, a caça e a coleta, bem como o artesanato tradicional e o trabalho informal no meio rural.

***Maety Regua* – Agricultura Mbya Guarani**

Milenarmente os Mbya Guarani vêm desenvolvendo suas práticas agrícolas, concebidas na lógica da itinerância e da coivara. O ato de plantar (*nhenhoty*) é fundamental para a manutenção da cultura Mbya como um todo, tal é sua centralidade na vida dos Guarani.

Práticas e saberes agrícolas Mbya Guarani são o fundamento dos rituais e de outras atividades cotidianas. A agricultura não se configura como uma dimensão separada da espiritualidade ou da saúde, por exemplo, e está permeada por conceitos e valores relacionados com a própria constituição da cosmologia e da formação da pessoa Mbya. Alguns alimentos produzidos nas *kokue* (roças) têm papel importante no âmbito dos rituais tradicionais Mbya, como é o caso da necessidade do milho (*avaxi ete'i*) para o feitio de *mbojape*, consumidos durante a realização do *nhemongaraí*, o ritual de nominação das crianças.

***Kokue* - Roças familiares**

As práticas agrícolas estão inseridas na organização de cada família e na relação entre elas. Geralmente as roças estão localizadas próximas aos locais de moradia das famílias; no entanto, algumas vezes, além dos espaços de roça próximos às casas, também cultivam a terra em outros locais um pouco mais distantes de suas moradias.

Atualmente na Tekoa Porã (2017), conforme pode ser observado no "Mapa Temático: Área de *kokue* - Roça" a seguir, existem 37 espaços de *kokue*, sendo que cada espaço produtivo corresponde a uma família determinada e ficam a cargo de um ou mais responsáveis. Nessas áreas de roça – onde as famílias praticam a agricultura tradicional – são cultivadas diversas variedades agrícolas, tanto de sementes tradicionais Mbya, como também alguns cultivares incorporados da

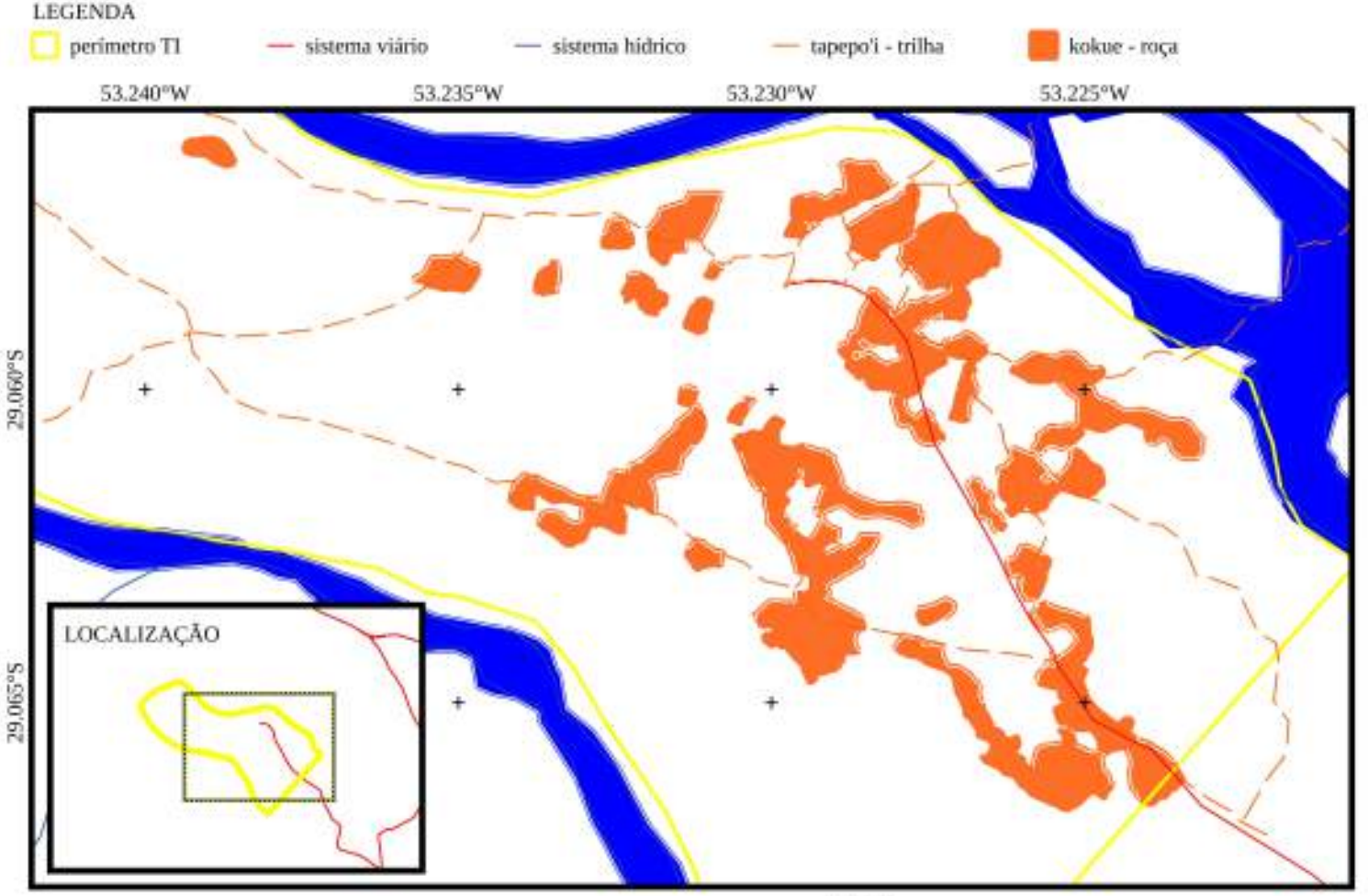
sociedade envolvente, como por exemplo: o *avaxi tupi* (milho de fora) e a *jurua xanjau* (melancia do juruá).

Somando a área produtiva de todas as roças familiares da Tekoa Porã (2016-2017) chegou-se a uma área total de 21,5 hectares, aproximadamente; ou seja: 9,5% do território da TI estava destinado ao feitio de *kokue*. Além dessas áreas já consolidadas de roça existe a demanda de ampliação desta atividade produtiva, visto que a comunidade tende ao crescimento populacional. As ampliações dos espaços de roça estão projetadas sobre algumas áreas atualmente ocupadas com silvicultura, preservando o *Ka'aguy*. Estas áreas são apontadas no mapa de etnozoneamento no final do capítulo seis.

MAPA TEMÁTICO

**ÁREA DE KOKUE - ROÇA**

TI SALTO DO JACUÍ




FONTE:
Interpretação imagens de satélites Google Earth e mapas elaborados pela comunidade.
Hasenack, H.; Weber, E. (org.). Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS-IB-Centro de Ecologia. 2010.
Funai, 2015. Terras Indígenas do Brasil.
OpenStreetMap, 2016.

### *Puxirão* – mutirões comunitários

O preparo e plantio das roças são realizados familiarmente na maior parte do tempo, mas também é costume dos Guarani fazer puxirão – união das famílias para o trabalho coletivo nos espaços de roça. Segundo o xeramoi Luis Natalício, “fazer puxirão é uma prática dos antigos, que aprendemos com nossos avós”. “É importante para que cada família faça sua rocinha”.

O professor indígena Roberto Fernandes comenta que ainda existe uma incompatibilidade (entre a perspectiva dos *jurua* e a dos Guarani) na forma de ver os mutirões: “na lei dos brancos as crianças trabalharem na roça é contra a lei, mas para os *Mbyá kuery* é um ensinamento pras nossas crianças, serve pra que aprendam a plantar, saibam fazer roças tradicionais, fazer o preparo da terra, fazer a limpeza, assim aprendem a lidar com a plantação da nossa forma”.

Para fazer bons mutirões é fundamental que a comunidade possua muitas ferramentas agrícolas, assim como é importante garantir a alimentação das pessoas envolvidas. Deste modo, iniciativas e projetos que apoiem nesse sentido são sempre bem recebidos pela comunidade.

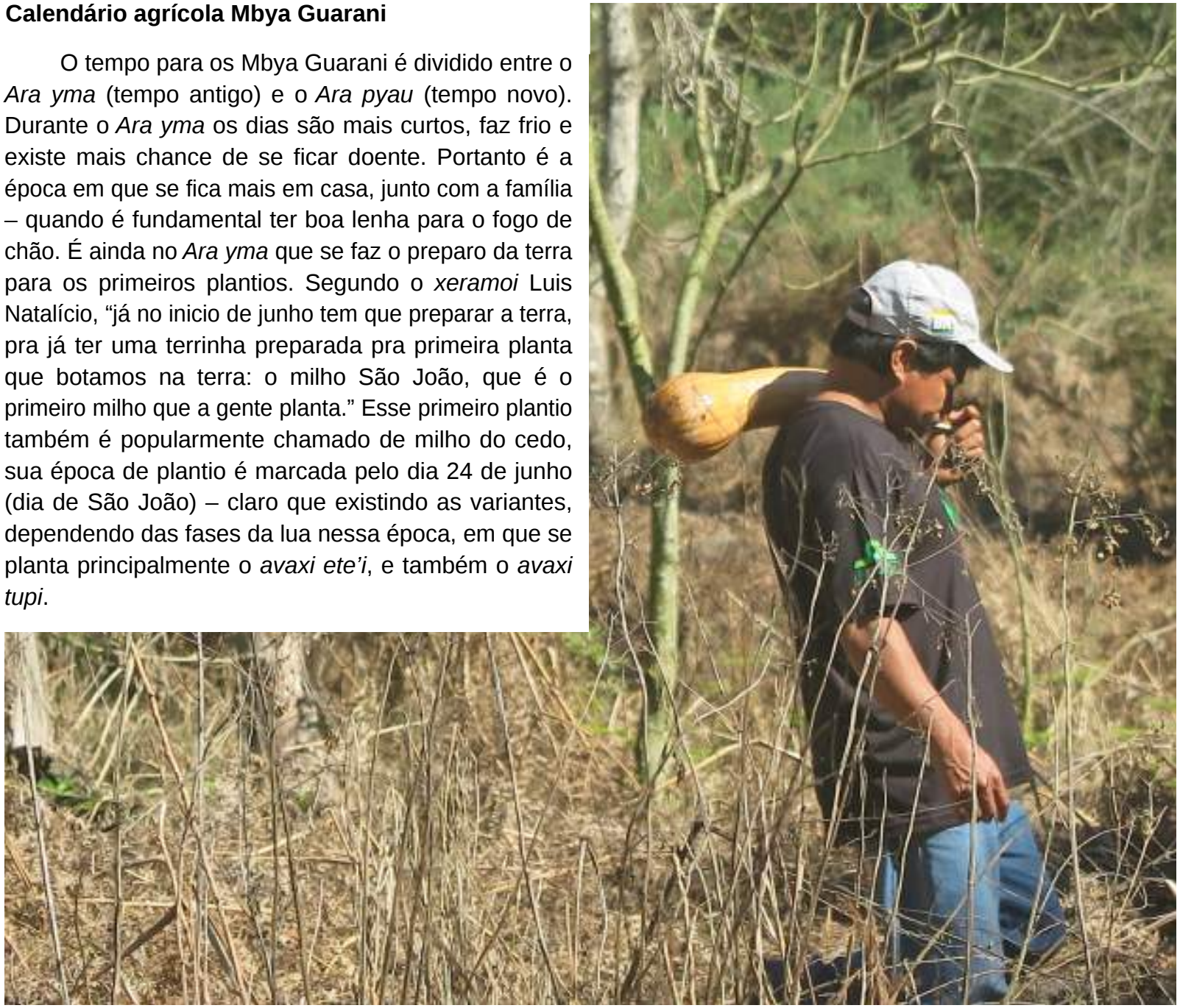
***Jarauka* - preparo mecanizado do solo**

O preparo da terra com trator é muito recente na Tekoa Porã, tem apenas dois anos. Como o apoio externo nem sempre chega à comunidade, quem o utiliza acaba pagando do próprio bolso. Outra questão é que nem sempre se consegue maquinário e tratorista disponível que faça o trabalho no tempo certo do calendário Guarani. Mais um problema atribuído ao uso de trator de fora da aldeia é que ele pode trazer pestes e inços para as roças da comunidade, como comenta seu Luis Natalício: “capim que nunca existia aqui depois que entrou o trator passou a ter”. Mas enquanto a comunidade não tiver alternativas de preparação de solo mais autônomas e ecológicas, a lavragem do solo de forma mecanizada se fará necessária.

Deste modo, conforme a avaliação comunitária, é importante obter uma junta de bois para que a comunidade tenha autonomia no preparo da terra, não ficando à mercê do apoio externo e protegendo suas roças de inços invasores. A comunidade já possui alguma experiência e alguns implementos, mas é importante adquirir, junto com a canga de bois, um carretão. Também é preciso viabilizar a construção de um galpão para que tudo fique bem guardado e protegido do tempo. Essas demandas são especificadas no capítulo seis no subitem 1.2.2.

**Calendário agrícola Mbya Guarani**

O tempo para os Mbya Guarani é dividido entre o *Ara yma* (tempo antigo) e o *Ara pyau* (tempo novo). Durante o *Ara yma* os dias são mais curtos, faz frio e existe mais chance de se ficar doente. Portanto é a época em que se fica mais em casa, junto com a família – quando é fundamental ter boa lenha para o fogo de chão. É ainda no *Ara yma* que se faz o preparo da terra para os primeiros plantios. Segundo o *xeramoi* Luis Natalício, "já no inicio de junho tem que preparar a terra, pra já ter uma terrinha preparada pra primeira planta que botamos na terra: o milho São João, que é o primeiro milho que a gente planta." Esse primeiro plantio também é popularmente chamado de milho do cedo, sua época de plantio é marcada pelo dia 24 de junho (dia de São João) – claro que existindo as variantes, dependendo das fases da lua nessa época, em que se planta principalmente o *avaxi ete'i*, e também o *avaxi tupi*.



No *Ara pyau* as atividades se intensificam, principalmente na *Opy* (casa de reza) e nas *kokue* (roças). Também é época boa de pescar, melar e pegar *yxó* (larva de pau), aproveitar o *avaxi pyau* (milho verde) e a melancia na roça, realizar o ritual do *nhemongarai* (nomeação das crianças) e época de terminar as plantações - fazer o plantio do tarde. O conhecimento tradicional astronômico Mbya Guarani indica as fases da lua, em suas diferentes épocas do ano, como orientadoras do calendário agrícola. Esse conhecimento vem sendo passado oralmente de geração em geração. Exemplificando essa complexa percepção de tempos lunares e ações terrestres, podemos citar que: na Tekoa Porã a maioria dos cultivares é plantada durante a *jaxy mbyte* (lua minguante), como é o caso das diversas variedades de milhos, feijões, de canas e das cucurbitáceas (melancias, melões, abóboras, morangas); já a *jaxy pyau* (lua nova) é ideal para se plantar a *mandio* (mandioca).

TABELA 1: Principais variedades agrícolas cultivadas na Tekoa Porã.

| Espécie | Variedades | Informação associada | Época de Plantio | Época de Colheita |
|---|---|---|---|---|
| Milho | *Avaxi ju* | Tipo de milho bom para fazer *mbyta*, *kaguijy*, *avaxi kui* e *rora*. | 24 de junho até setembro | A partir de novembro até abril |
| | *Avaxi karapeĩ* | Importante para a realização do *nhemongarai* – batismo das crianças. | 24 de junho até setembro | A partir de novembro até abril |
| | *Avaxi paragua* | Tipo de milho pipoca. | 24 de junho até setembro | A partir de novembro até abril |
| | *Avaxi xĩ* | Tipo de milho bom para fazer *kaguijy*, *avaxi kui* e *rora*. | 24 de junho até setembro | A partir de novembro até abril |
| | *Avaxi hovy* | Tipo de milho bom para fazer *avaxi kui*, *rora*, *mbyta*. | 24 de junho até setembro | A partir de novembro até abril |
| | *Avaxi para* | É misturado - faz *kaguijy*, *avaxi kui*, *rora* e *mbyta*. | 24 de junho até setembro | A partir de novembro até abril |
| | *Avaxi pytã* | É misturado - faz *kaguijy*, *avaxi kui*, *rora* e *mbyta*. | 24 de junho até setembro | A partir de novembro até abril |
| | *Avaxi tupi* | Milho que não é tradicional, mais utilizado como trato para a criação e para o consumo bom de colher o milho verde (*avaxi pyau*). | de junho até outubro | Outubro até abril |
| Feijão | *Komanda ũ* | Feijão preto do *juruá* | Agosto | Setembro |
| | *Komanda xa ĩ* | Feijão Mbya - dos antigo feijão de vagem comprida. | Agosto | Setembro |
| Aipim | *Mandió ĩĩ* | Mandioca parana | Agosto bom de plantar na lua nova | Colhe o ano inteiro |
| | *Mandioũ* | Importante guardar a rama protegida pra não morrer de geada no inverno | Agosto | Colhe o ano inteiro |
| Batata-doce | *Jety karaũ* | É bem roxa por dentro e boa de fazer com milho socado no pilão – *Jety mbaipy*. | Agosto na minguante | Outubro |
| | *Jety manji'o* | É amarelada e boa de fazer *Jety mbaipy*. | Agosto na minguante | Outubro |
| | *Jety andai* | É alaranjada e tem gosto de *andai* (abóbora) e também é boa de fazer *Jety mbaipy*. Onde foi plantado deixa um pouco pra dar mudas (ramas) para o outro ano. | Agosto na minguante | Outubro |
| Amendoim | *Manduvi* | Atualmente se planta mais o amendoim do *jurua* mesmo. | Agosto na minguante | Outubro |
| Melancia | *Xanjau jurua* | Da maior e tem de vários tipos, e tem a casca mais grossa. | Julho e Agosto | Dezembro Janeiro |
| | *Mbya xanjau* | Pode ser amarela ou vermelha | Julho e Agosto | Dezembro, Janeiro até fevereiro |
| Melão | *Merõ* | Tem vários tipos. É bom de comer depois do almoço, criançada gosta bastante. | Agosto | Novembro |
| Abóbora | *Andai* | É importante para o consumo e para trato dos porcos (*Kure*) é bom de fazer quibebe junto com milho socado. | Agosto Minguante | Dezembro |
| Moranga | *Kuarapepẽ* | Se guarda em baixo de casa e dura bastante tempo. | Agosto Minguante | Dezembro |
| Fumo | *Pety* | É muito importante para a espiritualidade dos Mbya. Para fumar no *petynguá* na *opy*, para a cura de doenças, para se comunicar com *nhanderu kuery* (divindades dos Guarani). | 24 de São João | Agosto setembro |
| Porongo | *Yakua* | Para fazer o *mbaraka mirĩ* (maraca tradicional Guarani). Para guardar sementes tradicionais, o mel (*eĩ*) e o *avaxi kui*. | Agosto | Outubro novembro |
| Cana-de-açúcar | *Takuare'ẽ* | É bom de chupar no verão, a criançada gosta bastante. Também se faz caldo de cana, melado e açúcar mascavo. | Agosto minguante | Maio |
| Cana-de-cacho | *Takuare'ẽ avaxi* | Variedade importante para o consumo do Guarani. Descasca-se e soca no pilão para tomar o caldo – é uma bebida típica Mbya. | Agosto minguante | Outubro |

## *Oka* – Pátios e quintais Agroflorestais

Na Tekoa Porã os espaços de roça são permeados por uma diversidade de outras formas de cultivos, como os pomares e os quintais agroflorestais, espaços concebidos próximos às casas Mbya. O que os *jurua* chamam, em português, de pátios ou quintais, na língua guarani fala-se *oka*. Uma boa definição para os *oka* é o que, atualmente, denominam-se “quintais agroflorestais”. Enfim, são nesses espaços que se cultivam plantas das mais variadas, principalmente espécies frutíferas e árvores para sombra. Também é em volta de casa onde se criam os animais domésticos.

Esses espaços são muito importantes no dia a dia das famílias Mbya, pois é no entorno de casa que os parentes se encontram, fazem fogo de chão, tomam chimarrão, cozinham e conversam, e também onde se dão diversas atividades produtivas. Deste modo, fortalecer e apoiar as iniciativas e ações familiares em seus *oka* é fundamental para a socialidade e o Bem Viver Guarani.

Dentre as espécies vegetais, mais apreciadas e cultivadas atualmente pelos Mbya nos *oka* da Tekoa Porã, destacam-se tanto espécies exóticas quanto nativas, como por exemplo: bananeiras (*pakova*), laranjeiras (*narã*), bergamoteiras (*mandarina*), pessegueiros (*rurano*), amoreiras (*tembiaja*), araçazeiro (*araxa'i*), uvaia (*yyva'ei*), pitanga (*anhanga piry*), sete-capotes (*nhandu'a pyxa*), erva-mate (*ka'a*), guabirova (*guavira*), guajuvira (*guajayvi*), ingá (*yvyra rope*), jeriva (*pindó*), abacate, ameixinha-do-inverno, capim-guiné (*pipi*), capim-cidreira (*kapi'i kaxĩ*), fumo (*pety*), porongo (*yakua*), lagrima-de-nossa-senhora (*kapi'i a*) e uva.

Projetos de apoio aos plantios são importantes e desejados pela comunidade, pois através da diversificação e implementação de pomares se amplia não só a segurança alimentar, como também a saúde física e espiritual dos Guarani.

**Criação e Domesticação de Animais**

A domesticação e criação de animais é uma prática muito antiga entre os Guarani, que vem se perpetuando e transformando de geração em geração. Atualmente, na Tekoa Porã, destaca-se a criação de aves e porcos, de animais domésticos, como cachorros e gatos, e a estima de algumas espécies silvestres. A presença de animais domésticos tem sua relevância na segurança alimentar e proteção física e espiritual das crianças. Neste sentido é importante haver a presença de animais domésticos e domesticados como elemento de produção do corpo das crianças Mbya e prevenção de doenças.

## *Tymba kuery* – Avicultura

A criação de *uru* (galinhas), dentre outras aves como gansos, patos *(ype*) e galinha d'angola *(uru para'i*), é a principal fonte de proteína animal provinda da atividade de criação. Além de carne, a avicultura também proporciona ovos (*ururupi'a*) – que são muito importantes na alimentação Mbya, principalmente para as crianças.

A avicultura praticada na Tekoa Porã é similar ao que os não indígenas vêm chamando de avicultura colonial (criação de galinhas caipiras) ou avicultura orgânica. As aves são criadas soltas grande parte do tempo, sendo que, na época de plantação, para não haver estragos nas *kokue*, são confinadas em galinheiros.

Esse hábito de criação faz com que se obtenha carne e ovos de boa qualidade, se comparados ao que se vende nos mercados da cidade. A carne fica mais firme, amarelada e com gordura boa, o ovo também fica mais firme, com casca dura e com gema bem alaranjada. Segundo os Guarani, esses atributos de qualidade são decorrentes dos seus bons modos de criação, que permitem que as aves fiquem livres, ciscando seu próprio alimento, sem a utilização de ração industrializada, corte do bico, vacinas, hormônios ou outros remédios químicos. Além do alimento natural, que a galinha ingere ao ciscar livremente, também é oferecido um aporte de milho como trato e restos de comida das refeições.

Os ovos também são deixados nos ninhos para chocar e assim nascer mais *urura'y* (pintos). Nos meses de julho e agosto os Mbya não deixam as galinhas chocar, pois os *urura'y* geralmente nem chegam a nascer, e os que nascem não sobrevivem muito tempo, devido ao frio. A partir de setembro já é tempo para a galinha chocar.

Incluído no plantel de conhecimentos tradicionais estão os remédios e formas de tratamento para algumas doenças das aves, como é o caso do uso do Sabugueiro (*Sambucus australis*). Segundo o *xeramoi* Luis Natalício, "o sabugueiro é um baita remédio. A gente esmaga essas folhas com água num coxo para as galinhas beberem. É o mesmo remédio que se usa para dar banho e curar a febre das crianças e é bom também para combater as rugas da galinha".

Segundo os Guarani, quando uma pessoa fica doente é importante carnear e comer uma galinha pra se curar. Quando recebem a visita de parentes, também é uma alegria poder compartilhar a carne da galinha. "É o nosso costume receber bem os parentes".

Por fim, ressalta-se que a avicultura é uma atividade fundamental entre os Mbya da Tekoa Porã, e por isso a comunidade possui o desejo de ampliar e diversificar essa atividade, conforme apontado no capítulo seis no item 2.1.

**Kure xerymba – Suinocultura**

Na Tekoa Porã a criação de porcos (*kure*), apesar de ser uma atividade mais recente, já possui um status de importância, tanto para o consumo da carne, como também para se obter gordura animal. Conforme Luis Natalício, “é importante ter a própria banha pra não ter que comprar, porque está caro no mercado e não é uma banha boa como a que se produz”. Ainda sobre a banha, Marcio Mariano afirma que a banha é o principal do alimento, porque a gordura é utilizada de diversas formas na alimentação Mbya, ela serve para dar gosto no feijão, fazer polenta, para fritar peixes (*pira*) e mandioca (*mandio*) e também para preparar carnes (*xo’ó*), por exemplo.

Faz aproximadamente cinco anos que a comunidade cria porcos, e a experiência está dando certo, pois os animais vêm se reproduzindo bem e já há leitões da própria criação. Os leitões são criados soltos até atingirem um porte médio, quando são confinados em chiqueiros rústicos para engordar e não causar prejuízo às roças. O trato geralmente é composto por milho, abóboras e resto de comida, como casca de *xanjau* (melancia) e subprodutos das roças, etc.

Conforme veremos no capítulo seis, no ponto 2.2, as principais dificuldades, e o apontamento de como superá-las, se relacionam com o maior aporte para o trato da criação, melhor estruturação dos chiqueiros, aquisição de matrizes de interesse e minicursos práticos para a promoção de troca de saberes e informação sobre boas práticas de confinamento e alimentação alternativa de porcos.

### *Nhande rymba pirare* – Piscicultura

No ano de 2010 uma experiência de piscicultura (criação de peixes) foi realizada na Tekoa Porã. A iniciativa contou com apoio da prefeitura e da Emater; na ocasião, foram abertos dois açudes com uso de maquinário e neles introduzidos alevinos de carpa-prateada e jundiá. Na avaliação da comunidade o projeto não vingou muito bem, pois foi delineado dentro de um sistema intensivo de criação, considerando o aporte de ração para os peixes, prática que não é do costume Guarani. Apesar da experiência não tão bem-sucedida, mas que gerou aprendizado, a comunidade tem vontade de investir em projetos de piscicultura e na manutenção dos açudes na Terra Indígena, principalmente, porque tem consciência de que o rio está sob o domínio do *jurua* (devido à presença da usina hidrelétrica) impossibilitando a previsão dos acontecimentos futuros relacionados ao rio. Deste modo, os impactos aos seus recursos pesqueiros é uma das maiores preocupações para os Mbya, fundamentalmente no âmbito da segurança alimentar e da salvaguarda cultural. A exemplo disso, ao aprofundarmos a questão da pesca, veremos que, devido às transformações no volume/fluxo de água do rio, os Mbya estão deixando de construir seus *paris* (armadilhas que afunilam trechos de rio e conduzem peixes ao aprisionamento) nas porções em que antigamente faziam.

Portanto, é interessante pensar, em futuras iniciativas de piscicultura, outras formas de delinear os projetos, ou seja, conceber sistemas produtivos de aquicultura ecológicos e autossustentáveis, afinados com as rotinas e costumes indígenas, conforme será apontado no item 2 do capítulo seis.

## Pesca

A pesca é uma atividade tradicional muito relevante e valorizada entre os Mbya Guarani e especialmente na Tekoa Porã, devido a suas boas condições ambientais e localização às margens do Rio Jacuí – proporcionando uma diversidade de peixes –, o que garante importante fonte de alimento na dieta Mbya.

Em um rápido diagnóstico na Tekoa Porã, sobre a variedade de peixes pescados e consumidos pela comunidade, identificou-se a existência de aproximadamente 20 espécies – o que pode ser observado na *Tabela 2: Espécies de peixes pescadas na Tekoa Porã*, ao final deste subitem.

A pesca na Tekoa Porã é praticada durante o *Ara pyau*, ou seja, nos meses que compreendem a primavera e o verão, visto que é muito difícil pegar algum peixe em época de frio.

A pesca abarca amplas relações de reciprocidade e interação familiar, os mais jovens aprendem com seus parentes mais velhos/experientes, bem como é costume a repartição do pescado, no caso das pescarias fartas, entre os familiares e vizinhos. Na Tekoa Porã a pesca é atividade de todos, tanto os homens como as mulheres se envolvem nas pescarias (apenas a pesca com arco e flecha é mais identificada ao universo masculino).

Os Mbya Guarani da Tekoa Porã pescam principalmente no Rio Jacuí e em seus afluentes (rios menores, arroios e lajedos) da região, como também, em menor escala, nos dois açudes da comunidade.

Através da pesca os Mbya consomem uma diversidade de peixes, durante a *Ara pyau*. O pescado é preparado de diversas formas (assado, frito, cozido ou moqueado) dependendo da espécie, porte e da mistura (acompanhamentos recomendados).

Na Tekoa Porã, entre as técnicas de pesca atualmente utilizadas, destaca-se a pesca com vara, linha e anzol (*pindaxa*); o “bater-cipó” (*timbó nhainupa pira jajuka*) e arco e flecha (*guyrapa py onhiyvõ*).

***Pindaxá* – Pesca com linha (*ixã*) e anzol (*pindá*)**

Na pesca com linha e anzol são utilizadas como isca principalmente minhocas. Para pegar as espécies de peixes maiores utiliza-se peixes menores (como os lambaris).

Além disso, é uma prática tradicional, em determinadas épocas do ano, usar como isca *Ta'yré* (larvas de abelhas) e um tipo de *Yxó* (larvas de pau) para pegar jundiás.

***Timbó nhainupa pira jajuka* – "bater cipó"**

A pesca através da técnica de "bater cipó" é uma atividade que proporciona grande sociabilidade entre os parentes. Por meio dessa técnica ancestral de pesca comunitária, os Mbya revivem o tempo/vida dos antigos, o que fortalece a autoestima indígena e a união comunitária.

Nessa prática também existem algumas restrições de participação, as mulheres gestantes e seus cônjuges não podem ter contato com a água, porque podem cortar o efeito do cipó. Os conhecimentos tradicionais envolvidos nessa técnica coletiva de pesca são transmitidos de geração em geração através da oralidade e da prática de "fazer junto com os que sabem".

Esta técnica indígena de pesca é denominada popularmente de "bater cipó" porque as plantas utilizadas para tinguijar os peixes são espécies de plantas trepadeiras quase exclusivas de ambientes florestais.

As espécies coletadas são nativas, abundantes nas matas e pertencentes à família botânica das Sapindáceas (envolvendo os gêneros *Paullinia* e *Serjania*). Todavia também podem ser utilizadas cascas de algumas árvores, como a da Capororoca e da Maria-preta (*Yvyra porã* ou *Xapu'u*), por exemplo. A partir do mês de setembro inicia-se a época ideal para o uso do timbó, estendendo-se até os meses de janeiro e fevereiro.

***A prática de utilizar “venenos vegetais de pesca” é realizada milenarmente por diversos povos indígenas na América do Sul (HEIZER, 1997). Estas espécies vegetais possuem substâncias ictiotóxicas, ou seja, que servem para “tinguijar” (adormecer/ atordoar/envenenar) os peixes. No Brasil meridional a prática de “bater cipó” destaca-se entre os Guarani e também entre os Kaingang.***

***Guyrapa py onhiyvõ* - Pesca com arco e flecha**

A utilização do arco e flecha (*guyrapa hu'y*) ocorre durante as expedições de pesca na Tekoa Porã. A técnica não é tão recorrente entre os Mbya contemporâneos, sendo atualmente mantida por poucos *xeramoi*.

Neste sentido há uma preocupação com a valorização da pesca com arco e flecha entre os mais jovens, e também com a manutenção das atividades relacionadas a essa atividade, como os modos de fabricação dos artefatos, a matéria-prima recomendada, sua utilização, o desenvolvimento da mira, a manutenção e cuidados dos artefatos, entre outros tantos.

**TABELA 2: Espécies de peixes pescadas na Tekoa Porã e informações associadas.**

| Nome Guarani | Nome popular | Nome científico | Sobre a Espécie | Sobre a Pesca | Preparo e alimentação |
|---|---|---|---|---|---|
| *Tare'y* | Traíra | *Hoplias malabaricus* | Tem dois tipos: ***Tare'y*** – Trairão; ***Tare'y Ratãi*** – Trairinha. Antigamente tinha bastante, mas hoje em dia já não tem tanto. | É de se pescar no verão. É bom de se pescar ao meio-dia, em dia de sol. | ***Tare'y*** se come frito, pois tem muito espinho. É um peixe muito bom de comer! |
| *Nundi´a* | Jundiá | *Rhamdia quelen* | Tem 3 tipo: ***Nundi´a üi*** (pega de dia nas toca das pedras); ***Nundi´a aju*** (fica bem amarelo quando tira d'água, não tem ferrão e é difícil de pegar porque é escorregadio); ***Nundi'a para*** (é uma das espécies mais importantes para o Mbya). | Tem bastante e se gosta de pescar. É bom de se pescar no verão. É bom de pescá-lo quando chove e a água fica mais barrenta. De noite dá mais Jundiá. | É bom de comer cozido ou frito. |
| *Xango* | Joaninha | *Crenicichla* spp | Tem bastante, no Rio Jacuí. Tem de dois tipos, uma que fica bem grande e outra que é menor. | Pesca de anzol, usa minhoca como isca e se pesca durante o dia, principalmente nas corredeiras. | Considerado um dos peixes mais gostosos de se comer que tem no Salto. Pode-se comer de tudo que é jeito: frito, cozido e assadinho. É bom de comer com *mbitã* e *avaxi kui*. |
| *Jakare pityngua* | Cascudo | *Hypostomus* spp. | Tem vários tipos. Ele fica chupando as pedras do rio. Tem esse nome porque o cascudo era parte do jacaré. Tradução seria "cachimbo de jacaré". | É bom de pegar de rede e quando bate cipó pega com a mão. | É bom de comer cozido, assado e frito. |
| *Piky ra'y* | Saicã Peixe-cachorro | *Oligosarcus* spp. | Tem dente afiado portanto deve-se ter cuidado para não ser mordido. | Tem bastante ainda, é bom de pescar de manhã cedo e de tarde (tipo das 3 às 6h) pega com anzol e minhoca. Pesca de dia, pega no *pari*, pega no anzol. | É bom de comer frito e também se faz cozido pra comer com *rorá*, *reviro*, *mbojape*. |
| *Akara* | Cará | *Gymnogeophagus* spp. *Geophagus brasiliensis* *Australoheros* sp. | Tem bastante, durante todo o ano. Tem vários tipos, como: ***Akara pé***; ***Akara para***; ***Akara guaxu***; ***Akara bugiu***; ***Akara juru pyntã***. | Pega no anzol, só dá na beira do rio e das lagoas (barragens). | É bom de comer frito e ensopado. |
| *Piky'i* | Lambari | Diversas espécies, destacando-se as do gênero *Astyanax* spp. | Tem 2 tipos: ***Piky pé*** (veio da folha da taquara) "é mais de sanguinha"; ***Piky'i*** que tem bastante no rio. | Pega em qualquer lugar – pega no anzol, na rede e quando bate o cipó. É bom de pescar de tardezinha e de manhã cedinho. Também se usa o *Piky'i* de isca para pescar outros peixes como Traira, Jundiá e Peixe-cachorro. | Se come frito, assado e cozido com *reviro*, *mbojape* e *rorá*. |
| *Piky pucu* | – | — | É tipo um lambari grande – parecido com o *Piky ra'y* só que sem dente. É tipo sardinha ou uma tainha mais magra. | Pega no anzol, principalmente quando o tempo tá nublado e/ou garoando. | Não tem muito espinho e é bom de comer frito. |
| *Pirapé* | – | — | É um peixe sagrado para os Mbyá, ele se alimenta só do limo das pedras, não tem dentes, só boca. Parece uma carpa, mas natural – nativa do rio, não é de açude. | Não pega no anzol, só na rede, pari ou quando bate cipó. | Come cozido e frito, principalmente, acompanhado de *avaxi kui*, *rora* ou *mbyta*. |

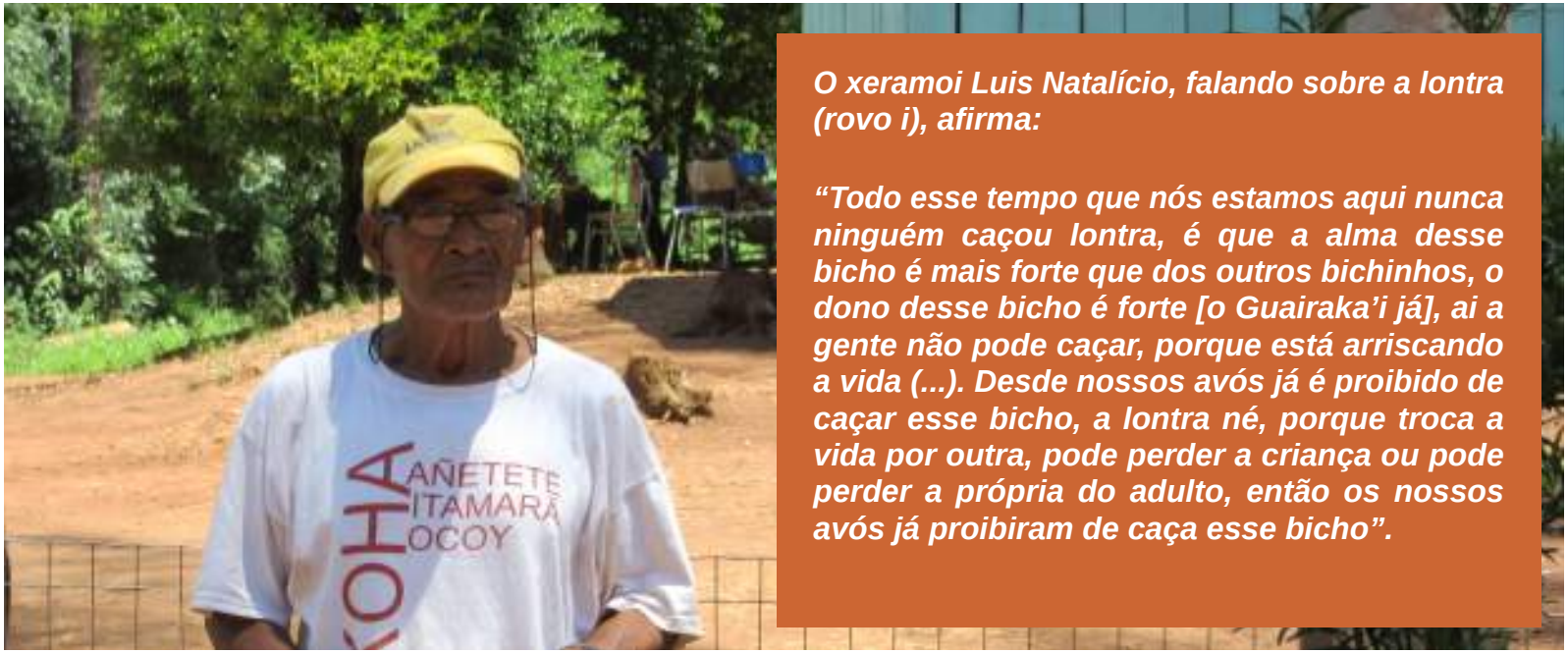
*“A caça é muito importante para manter as tradições do Guarani. Antigamente não se ia ao mercado comprar carne, se vivia só da caça, se caçava veado (guaxu), quati (xi’y), paca (jaixa), anta (mborevi), porco-do-mato (koxi); não se usava sal, se comia na mistura com jety, mandió, avaxiku’í, rora, mbojapé, mbyta, é do costume do Guarani que se mantém até hoje”.*

**Caça**

A caça é praticada durante todo o ano, mas preferencialmente no mês de maio, quando os animais estão mais gordos, com mais carne e gordura boa. Os ensinamentos sobre a caça são transmitidos pelos pais, avós, tios ou irmãos aos mais jovens desde pequenos. “Para passar a nossa sabedoria para os nossos filhos, pra não se perder nossa cultura, o mais importante é falar com os mais velhos”.

As crianças aprendem brincando de montar armadilhas com a orientação dos adultos, pois “tem que ter cuidado, porque se vai fazer o mondé é mais perigo né, pode escapar da armadilha e pode cair no braço ou no pé, tudo isso a gente já adianta, então quando o jovem vai fazer, ele já está orientado pra ter o cuidado”.

A caça é importante fonte de carne, porém na concepção dos Mbya o alimento provindo da caça não alimenta apenas corpo: alimenta também o espírito. Ao consumir a carne de determinado animal a pessoa irá absorver as qualidades deste. Por isso, principalmente as crianças têm uma dieta mais restrita, não podem comer algumas espécies enquanto são muito pequenas. A caça está envolta pela espiritualidade Mbya, sendo extremamente relevante a relação com as divindades, pois elas são as “donas dos animais”, são elas que mandam os bichinhos, assim os Mbya pedem a permissão aos donos (*ijá*) para caçar seus animais.



***O xeramoi Luis Natalício, falando sobre a lontra (rovo i), afirma:***

***“Todo esse tempo que nós estamos aqui nunca ninguém caçou lontra, é que a alma desse bicho é mais forte que dos outros bichinhos, o dono desse bicho é forte [o Guairaka’i já], ai a gente não pode caçar, porque está arriscando a vida (...). Desde nossos avós já é proibido de caçar esse bicho, a lontra né, porque troca a vida por outra, pode perder a criança ou pode perder a própria do adulto, então os nossos avós já proibiram de caça esse bicho”.***

Entre os animais mais caçados atualmente na Tekoa Porã estão: o tatu, o quati (*xi'y*), a capivara (*kapi'iva*) e o gambá (*mykuré*), entre as aves o inhambu (*inambu*), pombão (*jeruxi*) e sabiás (*avia*). Porém, ressaltam que até pouco tempo atrás ainda existia uma grande diversidade de fauna pelas matas, e que por causa do desmatamento desenfreado, da poluição, como também devido à caça intensiva e predatória, já não existe mais. Relatam que antigamente havia muito porco-do-mato (*koxi*) e anta (*mborevi*) e, mais recentemente, notam que os lagartos (*teju*), veados (*guaxu*), pacas (*jaixa*), ouriços (*kui'i*), iraras (*eirá*), tamanduá-mirim (*kaguare*) e as aves *uru*, *jacu* e *aracuã* também diminuíram muito na região.

Entre os animais atualmente existentes, e preferidos pela comunidade, está o tatu. Segundo os Mbya, o tatu tem carne boa e deixa o corpo forte, protegido. Existem dois tipos de tatu que são caçados e consumidos: o *Tatu ete'i* (Tatu-galinha) e o *Tatu hai* (Tatu-mulita). Já o *Tatu poju* (Tatu-peludo) não é caçado porque ele chafurda no cemitério. Além do *Rovo i* e do *Tatu poju*, outro animal que os Mbya do Salto do Jacuí não caçam é o zorrilho.

Se por um lado são os homens que se envolvem mais com a caça, por outro, são as mulheres que capitaneiam o preparo da carne para o consumo. Geralmente, se faz o primeiro preparo da caça no fogo, depois se limpa a buchada e catingas (quando houver) e, depois de bem limpa, se prepara a carne.

**Técnicas de caça**

Geralmente a caça é realizada através da instalação de armadilhas tradicionais. Existem diferentes tipos de armadilhas, que são feitas de acordo com os animais que se deseja capturar. O mais importante no cuidado com as armadilhas é a atenção que se deve dar a elas, com monitoramento frequente para não haver desperdício da caça. Isso é muito respeitado entre os Mbya, pois as mortes em vão e desperdícios da carne dos animais podem desregular a boa relação com as divindades e o dono/responsável pode sofrer infortúnios espirituais ou na caça.

Pode se fazer armadilhas no mato e nas roças. No mato é possível pegar vários tipos de animais, já na roça são mais frequentes os quatis (*xi'y*), ouriços (*kui'i*) e capivaras (*kapi'iva*), que estragam as roças, logo as armadilhas servem também pra defender a produção de alimentos.

Armadilhas Tradicionais Mbya e os principais animais que se caçam com elas, respectivamente:

| | |
|---|---|
| ***Mondé*** | tatu, *xi'y* (quati), *akuti* (cutia), *jaixá* (paca) |
| ***Mondé'i*** | *aprea* (preá) e *anguja* (roedores pequenos) |
| ***Nhuá*** | *guaxu* (veado) e *kyja* (ratão-do-banhado) |
| ***Monde'pi*** | pega aves em geral |

Além das armadilhas, os Mbyá também realizam expedições de caça aos ambientes florestais (*ka'aguy*). Nessas excursões ao mato levam o facão (*maxete*), utilizado principalmente na caça do tatu, e bodoques para a caça de aves e pequenos mamíferos.

Algumas vezes também utilizam arco e flecha (*guyrapa hu'y*), especialmente como uma forma de passar essa prática aos mais jovens.

Por vezes, os Mbya também levam seus cachorros que, conforme suas habilidades, podem colaborar para farejar, encontrar e acuar uma caça desejada.

## ***Rogueru Ka'aguy gui* – nós buscamos na mata**

A coleta é uma atividade bastante diversificada entre os Mbya. Dentre os recursos coletados destacam-se a lenha (*xakã*), as plantas medicinais e ritualísticas (*puã*), as frutas nativas (*yva a*), o mel (*ei*), o palmito (*pindóroã*), as larvas de pau (*yxó*), as fibras vegetais e madeiras. São nos ambientes florestais que basicamente as atividades de coleta são praticadas. Deste modo, o mato (*ka'aguy*) é fundamental para o bem viver do Guarani (*mbya reko*).

Atualmente a Tekoa Porã possui uma área de cerca de 174 ha de mata nativa (75% do território) que proporcionam boas condições ambientais e recursos necessários aos Mbya. Os ambientes de roças, pátios, pomares, rio, mato, entre outros, são atravessados por uma trama de trilhas (*tapepo'i*) por onde, cotidianamente, circulam e manejam os recursos naturais. Porém atualmente esta área já não é suficiente por não abarcar todos os elementos naturais imprescindíveis, fazendo com que realizem incursões mais amplas pelo território para acessarem recursos naturais em áreas não exclusivas da região.

### *Xakã* – lenha nativa

Uma demanda importante, cotidianamente suprida pelo *Ka'aguy*, é a lenha (*xakã*). O fogo de chão (*tataypy*) é elemento fundamental no dia a dia do Guarani. É em roda do fogo de chão que se desenrola a sociabilidade Guarani. Seja tomando chimarrão, fumando *petyngua*, conversando entre os parentes, preparando os alimentos, esculpindo ou trançando um artesanato, o fogo é nucleador das relações, além de ser considerado elemento que traz saúde, serenidade e proteção aos Mbya Guarani. É o espaço privilegiado para dar e receber conselhos, escutar as histórias dos mais velhos, transmitir os conhecimentos tradicionais e soltar boas gargalhadas.

Os Mbya da Tekoa Porã preferem queimar lenha nativa apesar da abundância de eucalipto, que usam dependendo da situação (principalmente nos dias de festas, quando precisam de carvão), mas frisam que o ideal é garantir o uso das espécies nativas como fonte de lenha boa e saudável para o Guarani. Abaixo segue a tabela com as espécies consideradas as melhores lenhas e que devem ser privilegiadas em futuras ações de reflorestamento na Tekoa Porã com fins energéticos (produção de lenha).

**TABELA 3: Espécies fornecedoras de boa lenha.**

| Nome Guarani Mbya | Nome popular | Nome cientifico |
|---|---|---|
| *Yvyra hovi* | Canela-de-veado | *Helietta apiculata* |
| *Yvyra petai* | Jaborandi | *Pilocarpus pennatifolius* |
| *Kurupa'y* | Angico vermelho | *Parapiptadenia rígida* |
| *Guajayvi* | Guajuvira | *Cordia americana* |
| *Guata'y* | Camboatá | *Cupania vernalis* |
| *Yvyra pëpë* | Alecrim | *Holocalyx balansae* |

Outra espécie interessante de ser incorporar em futuros plantios é a *Eiru rembi'u* - Bracatinga (*Mimosa scabrella*). Essa espécie, além de crescer rapidamente e fornecer lenha de boa qualidade, também produz alimento sagrado para os Mbya, pois o néctar das floradas da bracatinga é utilizado pelas abelhas para fazer mel, que é alimento para o corpo e para o espírito, pois é empregado na medicina tradicional e durante o ritual do *nhemongarai*, para dar nome às crianças.

Também cabe aqui destacar as espécies preferidas, na Tekoa Porã, para a construção de casas e demais estruturas. As mais recomendadas devido ao bom cerne que produzem são: *Guajayvi* (Guajuvira - *Cordia americana*), *Yvyra pajé* (Cabreúva - *Myrocarpus frondosus*), *Yvyra pyte pyte* (Angico - *Parapiptadenia rígida*), *Guata'y* (Camboatá - *Cupania vernalis*) e o *Yary* (Cedro - *Cedrela fissilis*) que é utilizado para fazer portas. Deste modo, também é importante dar atenção especial a essas espécies em futuros projetos de reflorestamento e enriquecimento florestal.

Para o manejo da madeira e da lenha, algumas pessoas possuem motosserra, facilitando o serviço de derrubada e repartição da madeira em pedaços menores para posteriormente serem carregados. Também se utilizam de machados nas empreitadas de busca de lenha. No entorno das casas, o desmembramento mais fino da lenha também se dá com machado.

A atividade de coleta de lenha, embora seja uma prática de todos da comunidade, é sobre tudo papel dos homens jovens. Pois a relação [genro-sogro(a)] remete ao compromisso do genro em buscar lenha para a família da esposa sempre que necessário.

***Puã regua* – remédios do mato (plantas medicinais e ritualísticas)**

Os Mbya Guarani possuem um amplo conhecimento botânico e fitoterápico. Conhecimentos estes que são produzidos e acumulados através das gerações. Não existe uma época específica ou pré-determinada para a coleta de plantas medicinais. Considerando que existem muitas variedades e espécies de plantas com essa potencialidade, a colheita é feita conforme a necessidade. O *puã* é coletado principalmente no *ka'aguy*, mas existem algumas espécies que são específicas do campo, como a marcela e a carqueja, e no banhado encontramos o chapéu-de-couro e o caraguatá-do-banhado. Os Mbya utilizam folhas, raízes, sementes, frutas e, principalmente, cascas como remédios. Por essa razão é que encontramos muitas árvores com cascas lascadas nas matas da Terra Indígena.

O *puã* não é apenas de uso curativo, mas também preventivo. O chimarrão (erva-mate), por exemplo, é preparado com uma diversidade de outras plantas que fortalecem o corpo e protegem de doenças. Dentre as espécies utilizadas na Tekoa Porã estão o *Pipi*, para o tratamento de gripe, *Yxongy*, que serve para curar a tosse, *Yvyra rapoju*, utilizado por quem tem algum tipo de enfermidade na bexiga, *Pynó*, utilizado para o tratamento de infecção urinária, *Pipi guaxu*, para dor no corpo e *Yxipó reakuã*, utilizado no tratamento de diversos males, incluindo picadas de insetos ou de animais peçonhentos. Ainda, como método contraceptivo, utilizam-se *Parapara'y* e *Tajy*.

Algumas espécies importantes são encontradas apenas do outro lado do rio, além das fronteiras da Terra Indígena. Por isso é que a comunidade aponta a necessidade de que se faça um horto medicinal na Tekoa. O horto é uma forma de salvaguarda do patrimônio natural e imaterial Mbya. Por meio do plantio e manejo das espécies, os *karai kuery* terão um local favorável para ensinar aos mais jovens os conhecimentos relacionados com os *puã* e para preparar os remédios. Idealiza-se um ambiente pedagógico agroflorestal, com sombra, canteiros e viveiro de mudas, em que seja possível desenvolver diversas atividades. Com isso as plantas importantes para o Guarani estarão fácilmente disponíveis para a comunidade. Ainda, a produção de mudas pode, futuramente, favorecer o intercâmbio com outras aldeias e comunidades.

***Ei regua*, o melar**

O *Ei*, mel, é um alimento sagrado, além de ser um potente remédio. Os Mbya costumam consumir o mel puro, mascando-o diretamente do favo. Também é hábito beber *aroka*, água com mel.

Extrair o mel das colmeias, o melar, é atividade predominantemente masculina e representa importante manifestação cultural e de socialidade. Quando alguém vai melar não o faz sozinho, mas com seus parentes, com os quais se divide o alimento. Geralmente uma pessoa mais experiente orienta as ações dos aprendizes, de modo a estender o conhecimento por gerações.

As incursões para melar costumam ser realizadas no verão, principalmente nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Em geral, de uma incursão é possível se extrair uma quantidade satisfatória de mel, de modo que o excedente pode ser utilizado para presentear a família extensa, ou mesmo outras famílias.

Os Guarani geralmente encontram colmeias nos matões (*Ka'aguy ete'i*), áreas florestadas mais maduras nas quais existem as condições necessárias para a nidificação dos enxames nos ocos das árvores. As abelhas nativas, meliponas, não possuem ferrão, de modo que a extração é facilitada. Contudo, as meliponas são raras, o que faz com que a quantidade de mel extraída seja menor, em comparação com as colmeias de abelhas exóticas, que possuem ferrão, exigindo uma técnica mais elaborada para a coleta dos favos. Os

insetos são atordoados e pacificados com fumaça de fogueira feita de galhos ainda verdes. Após a coleta, já na aldeia, a fumaça é utilizada para purificar o mel. Conforme nos ensina o *Xeramoi* Núncio, o alimento só se torna próprio para o consumo após ser “benzido” por um Guarani mais velho, que expele a fumaça (*tatati*) de tabaco tragada de um petyngua.

É importante mencionar, ainda, que a comunidade busca estratégias para contornar os impactos deletérios do agronegócio. Um dos efeitos negativos desse modelo agrícola, conforme nos relatam os *xeramoi*, é a escassez e extinção de diversas espécies de abelhas. Atualmente, no Salto do Jacuí ainda existem espécies nativas: *Irapuá*, *Panguaray* (Mirim), *Tapexu’a* (Tubuna) e *Jate’í*.

Diante dessa realidade, a comunidade tem interesse em desenvolver projetos de meliponicultura (criação de abelhas nativas sem ferrão) e apicultura (criação de *Eiropa – Apis mellifera*). Nesse sentido, foram mapeadas as áreas estratégicas para a implementação de um meliponário, próximo aos espaços de roça e aos núcleos habitacionais, o que facilitaria o manejo das colmeias e ampliaria a produtividade das *kokue*. Já a apicultura pode ser desenvolvida em uma área de eucaliptos rodeada de mata nativa, mais distante das casas, mas que garante o alimento para essas abelhas e diminui o risco de ferroadas, em especial para as crianças. Esses locais são apontados no mapa de etnozoneamento – mapa de futuro.

### *Yva a*, as frutas nativas

Dentre os recursos alimentares encontrados no *Ka'aguy* destacam-se as frutas nativas (*Yva a*), que são muito apreciadas, não só pelas crianças e jovens, mas pelos Guarani em geral. Comer frutas do mato é importante para a composição do corpo Mbya Guarani, alguns frutos silvestres são o alimento para revigorar o espírito, erguendo o corpo a uma condição de leveza e perfeição. Por isso as frutíferas nativas são tão volorizadas pelos Guarani.

Geralmente as coletas de frutos se dão em ambientes florestais, como no mato (*ka'aguy*), nas capoeiras (*ka'aguy yvyi'i*) e nas matas ciliares (*yxyry'i yakã'ĩ*). Atualmente, várias espécies nativas já estão sendo cultivadas pelos Mbya ao redor de suas casas. Entre as frutas nativas mais coletadas e consumidas atualmente na Tekoa Porã estão: *guapytã*, *yvyviju*, *guavirá*, *pytanga*, *araxa'i*, *aguaí*, entre outras. Ver maior detalhamento na tabela abaixo.

A coleta e o consumo de frutas perpassam o tempo e se consolidam na atualidade, ao adaptar-se, frente a todas as dificuldades, sobretudo a atual escassez e restrição de acesso a áreas com disponibilidade desses recursos. Consequentemente, recebe destaque enquanto uma atividade cultural importante, principalmente no que tange à ampliação e diversificação das fruteiras nativas na TI – através de plantios e manejos de enriquecimento florestal – focando em espécies-chave na cultura Guarani (como o Guaimbé, Jaracatiá, Guapuriti e Jerivá, por exemplo).

**TABELA 4: Relação das principais espécies frutíferas nativas consumidas.**

| Nome Guarani | Nome português | Nome científico | Tipo de planta* | Período de frutificação |
|---|---|---|---|---|
| *Aguaí* | Aguaí-da-serra | *Chrysophyllum gonocarpum* | Arv | Maio, Nov-Dez |
| *Aguaí* | Aguaí vermelho | *Chrysophyllum marginatum* | Arv | Out-Nov |
| *Araxiku* | Araticum | *Annona neosalicifolia* | Arv | Fev-Mar |
| *Araxá* | Araçá | *Psidium cattleianum* | Arv | Fev-Mar |
| *Yvyra jepiro* | Cerejeira-do-mato | *Eugenia involucrata* | Arv | Out-Nov |
| *Yvyviju* | Guabijú | *Myrcianthes pungens* | Arv | Dez-Mar |
| *Guavirá* | Guabiroba | *Campomanesia xanthocarpa* | Arv | Nov-Dez |
| *Pindó* | Jerivá | *Syagrus romanzoffiana* | Pal | Out-Nov |
| *Marakuja* | Maracujás | *Passiflora spp.* | Tre | Set-Abr |
| *Pytanga* | Pitangueira | *Eugenia uniflora* | Arv | Out-Dez |

*Legenda dos tipos de plantas (sinúsias): Arv – Árvore, Pal – Palmeira, Tre – Trepadeira.

*O nome popular do Pindó em português é Gerivá (ou Jerivá), também chamado de coqueiro, seu nome científico é Syagrus romanzoffiana. Ocorre em todas as formações vegetacionais do RS, exceto na Mata de Araucária, por se tratar de porções altas e as mais frias do Estado.*

***Pindó regua*, o manejo do Jerivá**

O *Pindó* é uma palmeira nativa que possui centralidade e importância simbólica na vida dos Mbya. Esta palmeira é utilizada para diversos fins e faz parte dos fundamentos cosmológicos Guarani. São cinco *pindó* que seguram o céu e o impedem de cair e destruir esse mundo. Uma está bem no centro da terra e quatro estão localizadas nos pontos cardeais, que são as moradas das principais divindades. Os Mbya identificam os lugares com abundância dessa palmeira (*Pindoty*) como marcos de sua territorialidade: “onde tem muito *pindó* é por onde nossos ancestrais passaram”.

O Pindó, além de dar saborosos frutos (o *Guapytã*), traz no interior das sementes deliciosas amêndoas, muito apreciadas pelas crianças, que se divertem quebrando os coquinhos e alimentando-se. Outro alimento muito valorizado é o *pindoroã*, o palmito. Com o caule dos *Pindó* cortados também são feitas armadilhas de atração e captura de *yxó* (larvas ou corós). O consumo do pindoroã deve ser moderado, visto que para coletar o palmito é necessário derrubar a palmeira inteira. Quando se corta algum *pindó* para o feitio de armadilhas de *yxó* (corós) também se aproveita para extrair o palmito para o consumo, e vice versa.

O *pindó* também é importante matéria-prima para a construção de estruturas. Pode-se aproveitar suas folhas para a confecção de telhados, e dos troncos saem tábuas-costaneira para a construção de paredes. Além disso, sua raiz bem novinha (de cor vermelha) é remédio (*puã*) para dor de dente, por exemplo. Outra utilidade das folhas do *pindó* é que delas pode-se tirar fibras muito resistentes que, bem trabalhadas, geram cordas para fazer arcos (*guyrapa*).

***Yxó regua*, “é importante comer yxó pra fortalecer a pessoa”**

O *yxó*, chamado em português de “larva de pau” ou “coró”, é considerado um dos alimentos mais puros e sagrados pelos Mbya Guarani. Para fazer a atração e o cultivo do *yxó* são utilizados os troncos do pindó. Cortados em grandes tocos, abrem-se neles, com machado, algumas cunhas até expor o cerne do caule. A época ideal para derrubar o *pindó* é quando a guabiroba está em flor (*guavirá poty*), o que corresponde aos meses de setembro, outubro e novembro.

Essas “iscas-armadilhas” ficam sobre o chão, no mesmo local do corte do *pindó*, as cunhas são cobertas com folhas de samambaia ou do próprio *pindó*. Daí em diante fica-se na espera, de aproximadamente três

meses, para criar os corós. “Às vezes já tem *yxó* em novembro e vai até janeiro”. Para saber se o *yxó* está no ponto de coleta coloca-se a orelha próximo para escutar se tem o barulho certo.

Os corós são consumidos após serem fritos ou assados. Também podem ser socados no pilão para fazer uma banha que, posteriormente, é utilizada para o feitio de diversos outros alimentos e remédios. José Fernandes comenta, por exemplo, que “a banha que o *yxó* solta é remédio para dor de ouvido”.

Deste modo, visto a importância do *pindó* na cultura Mbya, é imprescindível atenção especial a essa palmeira em futuros projetos na Tekoa Porã, bem como nas demais Tekoa Mbya Guarani.

**_Tembiaporã_: a coleta de recursos naturais e confecção de artesanato**

A comercialização do artesanato tradicional Mbya Guarani vem se consolidando como uma importante fonte de renda para as famílias indígenas. Além da confecção de artefatos de uso cotidiano, como instrumentos de caça e pesca, pilões, peneiras, cestos, bancadas e banquinhos (*apyka*), o trabalho em madeira e em fibras vegetais vem adquirindo relevância comercial.

Não obstante, existem produtos que não são comercializados, como o *petyngua* (cachimbo tradicional). O *petyngua* pode ser feito tanto de barro quanto de madeira e só pode ser confeccionado por quem tem o dom para tanto.

A produção artesanal se dá especialmente nos pátios das casas (*oka*) e nos espaços coletivos de convivência. Esses locais são privilegiados pela circulação dos parentes e das crianças, de modo que os conhecimentos e técnicas são compartilhados e repassados de geração em geração. As crianças acompanham a rotina dos pais e dos avós, brincando, mexendo e imitando os mais velhos, praticando e, assim, aprendendo. Em outras palavras, a aprendizagem se dá pela experiência adquirida através da prática e da narrativa construída sobre cada um dos artefatos.

Na Tekoa Porã mulheres, homens e crianças produzem artesanato a partir de cinco espécies de *takua*, com as quais fazem *ajaka* (cestos e balaios) e *yrupe* (peneiras). Com madeira, os homens confeccionam *vixo ranga* (zoomorfos), que são feitos principalmente com o *kurupika'y*.

As mulheres utilizam sementes para a produção de colares, pulseiras e brincos. Hoje em dia também se produz filtro dos sonhos utilizando-se linhas coloridas, penas, *yxipó* e sementes.

### *Takua Regua* - artesanato com taquaras

As taquaras utilizadas para a confecção de artesanato são de cinco tipos: três espécies nativas e duas exóticas cultivadas. Dentre as nativas estão a *Pekuru* – Taquaruçu (*Guadua trinii*), que possui colmos mais grossos e espinhos salientes, a *Takua ete'i* – Taquara-mansa (*Merostachys multiramea*), mais fina e sem espinhos, e a *Takua rembo* – Criciúma (*Chusquea ramosissima*), fininha com colmos apoiantes e muitas folhas de cor verde-claro. Já as espécies cultivadas são a *Takua ovy* – Bambu verde (*Bambusa* sp.) e Bambu brasil (*Bambusa vulgaris*), essa última usada em menor quantidade. Devido à sua grande versatilidade, podem, inclusive, ser utilizadas como recursos para a construção de telhados, principalmente a espécie *Pekuru* (Taquaruçu ou Taquara-brava).

Os Mbya costumam cortar as taquaras a facão, as taquaras novas e ainda verdes são as ideais para o corte, por serem maleáveis e mais adequadas para a trama artesanal. Na comunidade há uma preocupação muito grande em respeitar o ciclo natural, principalmente atentando para o bom rebrote e para a boa regeneração das touceiras de takua.

Existem épocas em que a taquara seca em decorrência do ciclo natural de vida. O tempo desse ciclo é variável a depender da espécie. Por exemplo, a *Takua ete'i* seca de 30 anos em 30 anos. A última vez que essa espécie secou na região foi no ano de 2006, de modo que se pode prever nova seca para o ano de 2035. Com o intuito de que se evite a escassez de matéria-prima para o artesanato nesses períodos, suprindo a demanda das famílias, é que se enfatiza a importância da plantação de bambu cultivado (*Bambusa* sp.).

Além dos artesanatos feitos de taquara e madeira, os Mbya da Tekoa Porã também cultivam o Porongo (*yakua*), com o qual fazem *Mbaraka mirĩ*, artefato musical tradicional, utilizado nas rezas dentro da *opy*.

***Vixo ranga* – zoomorfos esculpidos em madeira**

Com alguns tipos específicos de madeiras, como o *kurupika'y* (Pau-leiteiro) e a *guajayvi* (Guajuvira), os Mbya confeccionam os *vixoranga*, miniaturas dos bichos do mato (zoomorfos). Essa atividade de esculpir e pirografar (desenhar com fogo) a madeira é predominantemente realizada pelos homens.

***Nhahe'ũ regua* – coleta e uso do barro**

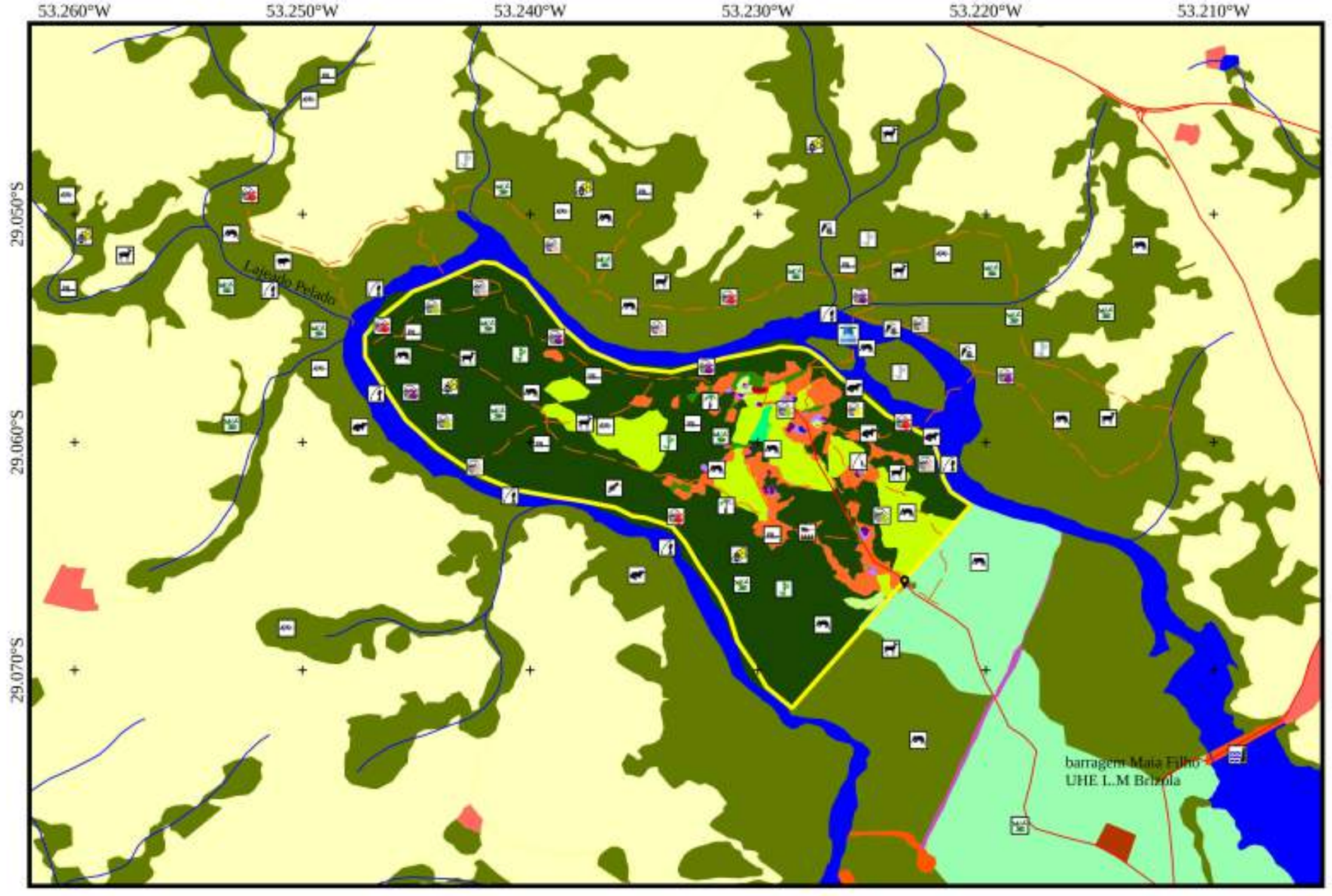
Além da utilização do barro para fazer as paredes das casas tradicionais Mbya, na Tekoa Porã também existem alguns pontos em que se pode coletar um barro de boa qualidade, *nhahe'ũ*, para fazer o *petyngua* (cachimbo tradicional mbya).

Conforme anteriormente referido, tal artefato somente pode ser produzido por aquelas pessoas que possuem o dom para tanto. Além do nhahe'ũ, a madeira da *guajayvi* (guajuvira) e do *kuri'y* (araucária) também são utilizadas para se fazer o *petyngua*.

**Trabalho e serviços fora da Terra Indígena**

Devido à falta de oportunidades de trabalho no meio rural do município de Salto do Jacuí, muitos Mbya da Tekoa Porã se deslocam para a Tekoa Ka'aguy Poty, na localidade vizinha de Itaúba, município de Estrela Velha. Diferentemente do Salto do Jacuí, onde a demanda de trabalho está vinculada ao agronegócio, minério e serviços da usina hidrelétrica, em Estrela Velha existe a demanda de trabalho como diarista nas propriedades familiares dos colonos da região.

Esses deslocamentos são de curta duração, sendo que os Mbya passam alguns dias na Tekoa Ka'aguy Poty para trabalhar e obter dinheiro (*pirapiré*). As principais atividades desenvolvidas estão relacionadas ao cultivo do fumo e do feijão. A relação entre essas duas tekoa é favorecida pela proximidade geográfica (50km), contudo, além da possibilidade de gerar renda, são as relações de parentesco e reciprocidade entre os Mbya os maiores contribuintes para o fluxo entre essas aldeias.




MAPA TEMÁTICO

**ATIVIDADES PRODUTIVAS E RECURSOS NATURAIS**

TI SALTO DO JACUÍ

LEGENDA

- perímetro TI
- tapepo'i - trilha
- entrada da TI
- queda d'água
- barragem
- koxi - porco do mato
- guaxu - veado
- kapi'yva- capivara
- tatu
- tukã - tucano
- xi'y - quati
- monde - mundéu armadilha
- nhũ'a - armadilha
- nhaeu - barro para fazer petỹnguá
- sistema viário
- sistema hídrico
- ojopo'i haty - local de pesca
- piky omboroaty - local de bater cipó
- pindo - jerivá
- puã ogueru haty - local de coleta de remédios
- takua hete'i - taquara mansa
- pekuru - taquara brava
- ei kuai'a - coleta de mel
- aguai
- araxa'i - araçá
- guavira - guabiroba
- pytanga - pitanga
- yvaviju - guabijú
- ka'aguy - mata nativa
- ka'aguy yvyi'i - capoeira
- kalipioty - eucalipto
- pinhondy - pinus
- nhundy - campo
- kokue - roça
- oga - casa
- oka - pátio
- jaugaa - campo de futebol
- yy no'õ - açude
- agropecuária intensiva
- silvicultura de exóticas no entorno
- mata nativa no entorno
- zona urbana do Salto do Jacuí
- edificação rural no entorno
- barragem - complexo UHE
- linha de transmissão
- lixão

0 250 500 750 1000 m

Escala 1:15000
SIRGAS 2000 - EPSG: 4674
FEV 2017

N

FONTE:
Hasenack, H.; Weber, E. (org.). Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS-IB-Centro de Ecologia. 2010.
Funai, 2015. Terras Indígenas do Brasil.
OpenStreetMap, 2016.

# CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS

Neste capítulo será abordado o conjunto de impactos e conflitos ambientais e sociais na Tekoa Porã. Em suma, trata-se da apresentação e descrição dos elementos que fizeram parte da construção do PGTA com potenciais lesivos ao usufruto pleno do território e ao projeto de futuro diagnosticados pela interlocução com a comunidade. Os locais dos conflitos ambientais também estão representados no mapa de conflitos ambientais ao final do capítulo. As ações de prevenção, manejo, mitigação, recuperação, articulação política e eventual compensação serão apontados no capítulo seguinte.

**Combate e manejo das espécies arbóreas exóticas**

De 1940 até o final da década de 1990, a área que hoje faz parte da Terra Indígena do Salto Grande do Jacuí serviu como horto florestal da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). De acordo com o *xeramoi* Luís Natalício, dentre os anos de 1940 e 1950, essa empresa utilizou o terreno para o plantio de árvores exóticas, principalmente de eucalipto, que serviam para a confecção de postes de energia elétrica.

À época, muitos Mbya trabalharam nesses cultivos, como forma de garantir a subsistência da comunidade. Não obstante, os efeitos da monocultura na região constituem o maior problema socioambiental a ser enfrentado pela comunidade.

Atualmente, cerca de 32,5ha da Terra Indígena são ocupados pelo monocultivo de eucaliptos e 1ha pelo monocultivo de pinus. O que, somando (33,5ha), corresponde a aproximadamente 15% da TI. Conforme pode ser observado no mapa que segue ao final deste capítulo, existem aproximadamente 12 talhões de silvicultura, uns maiores e outros menores, sendo onze de eucaliptos de grande porte e um talhão de pinus de médio porte.

A padronização dos espaços rurais pelo plantio monoespecífico tem impactos deletérios na estrutura dos solos, atingindo diretamente as atividades agroculturais dos Mbya. A monocultura de eucaliptos e pinus constitui um entrave à expansão das espécies manejadas pela comunidade.

Outro aspecto a ser mencionado diz respeito ao risco de tombamento dessas árvores. Não são raros os relatos de acidentes envolvendo a destruição de casas e mesmo da escola, o que exige o monitoramento e o controle constante. Com o intuito de contornar esses problemas, desde 2010 os Mbya vêm reivindicando ao poder público a extração dessas árvores, a fim de que possam usufruir plenamente o território. No entanto, até o presente momento nenhuma medida foi tomada pelo Estado.

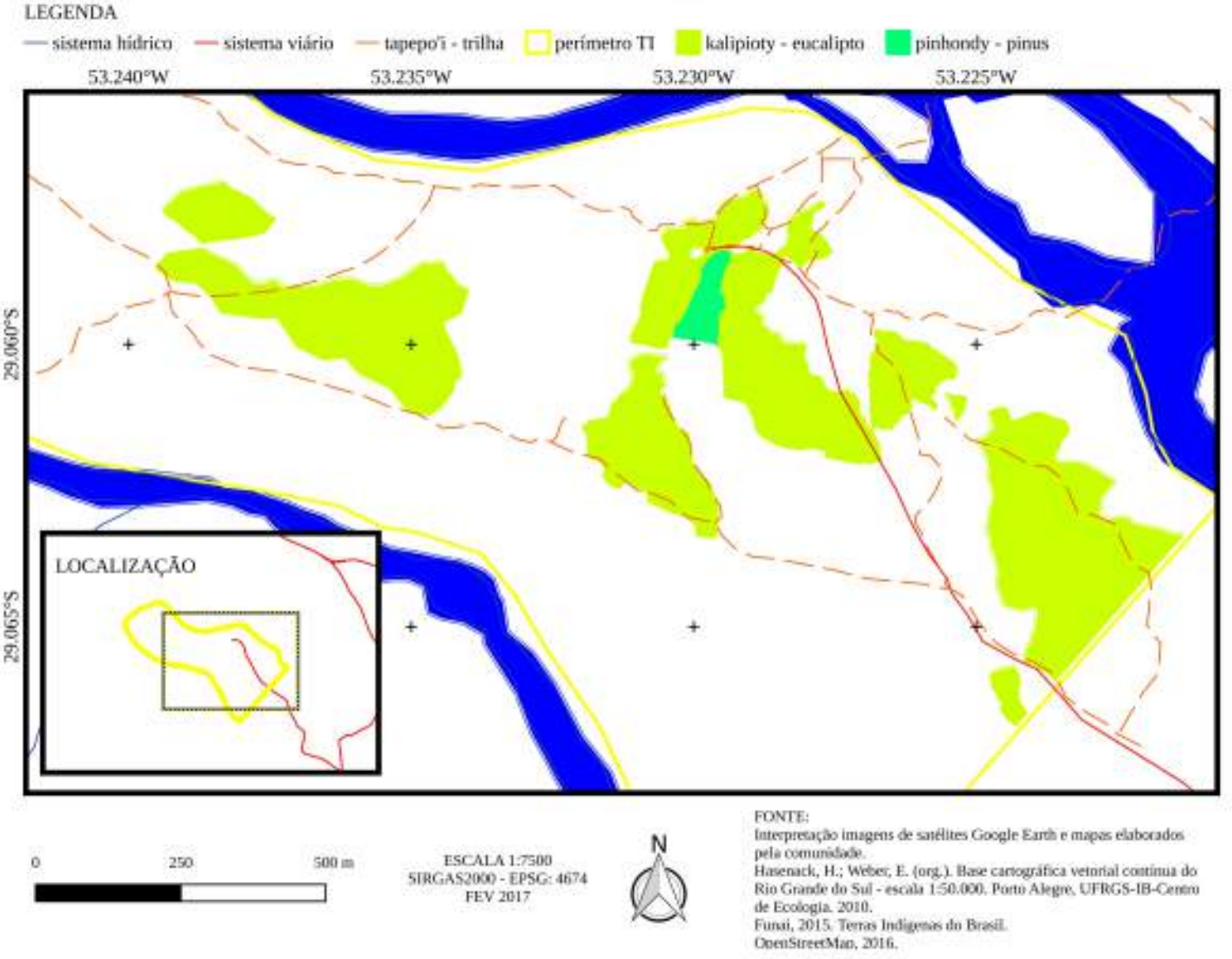
Existe a proposta de que a madeira extraída possa servir como recurso para a construção de habitações dentro da Tekoa, por meio de um plano de aplicação desse recurso. Salienta-se a relevância dessa ação que, se bem sucedida, pode servir de exemplo e auxiliar na implantação de projetos semelhantes, em outras comunidades Guarani, que enfrentam o mesmo problema ambiental.

No capítulo que segue, em que se discute a Gestão Territorial e Ambiental, aborda-se de forma mais detalhada o planejamento da comunidade para as áreas atualmente ocupadas pela silvicultura exótica. Prospecta-se o desenvolvimento de roças tradicionais, de projetos de piscicultura, de meliponicultura e de apicultura, reflorestamento e agroflorestas, bem como de novos núcleos habitacionais nessas áreas.

MAPA TEMÁTICO

## ÁREA DE SILVICULTURA NA TI: KALIPIOTY/EUCALIPTO E PINHONDY/PINUS

TI SALTO DO JACUÍ



**Poluição genética e por agrotóxicos**

Conforme podemos observar nos mapas temáticos de Cobertura do Solo Regional e dos Conflitos Socioambientais, o entorno da Terra Indígena está comprometido pelo agronegócio.

Os poucos fragmentos florestais que restam na região estão associados aos corpos d'água e locais de encostas onde não há condições de mecanização do solo. De resto impera o monocultivo de grãos, nos quais são aplicados grandes quantidades de agrotóxicos, que, dispersos no ambiente, contaminam o solo e poluem os recursos hídricos.

Como consequência deste modelo produtivo, baseado no uso de sementes híbridas e transgênicas, fertilizantes e agroquímicos, observa-se diversos impactos ambientais na região e aos Guarani da Tekoa Porã.

Segundo o *xeramoi* Luis Natalicio: "Diminuiu a quantidade de peixes por causa das granjas e do veneno que botam". "Por que a gente acha os peixes mortos no rio? É por causa da poluição das lavouras".

Outro risco é a contaminação das sementes sagradas dos Mbya, principalmente das variedades tradicionais de milhos (*avaxi ete'i*), que podem ser contaminadas geneticamente, através da polinização cruzada, pelas lavouras do entorno que cultivam variedades híbridas e transgênicas.

**Gestão e proteção territorial**

A área em que se localiza a Tekoa Porã é constituída por diversos atrativos naturais. Em determinadas épocas do ano, as cachoeiras do rio Jacuí, que se localizam aos fundos da aldeia, formam diversos poços propícios para o banho e para a atividade pesqueira, o que acaba por estimular a visitação turística.

Quando mediado pelos Mbya, o turismo constitui uma importante fonte de geração de renda, além de contribuir com a promoção da cultura local. Cite-se o exemplo das recentes excursões de alunos de escolas da rede pública e da rede privada de ensino à Tekoa Porã.

No entanto, a circulação não autorizada de pessoas na TI é responsável por alguns tantos inconvenientes. O tráfego de veículos em alta velocidade é costumeiro, o que acaba por colocar em risco a integridade física dos indígenas, principalmente a das crianças.

Diversos são os relatos de ocorrência de pesca ilegal, assim como de caça predatória e de extração de madeira nativa. A extração de palanques de madeira ocorre, em geral, em uma área florestal situada ao extremo sul da TI, mais afastada dos núcleos habitacionais. Esse tipo de ação relaciona-se, principalmente, com a grande demanda por mourões para construção de cercas em fazendas particulares.

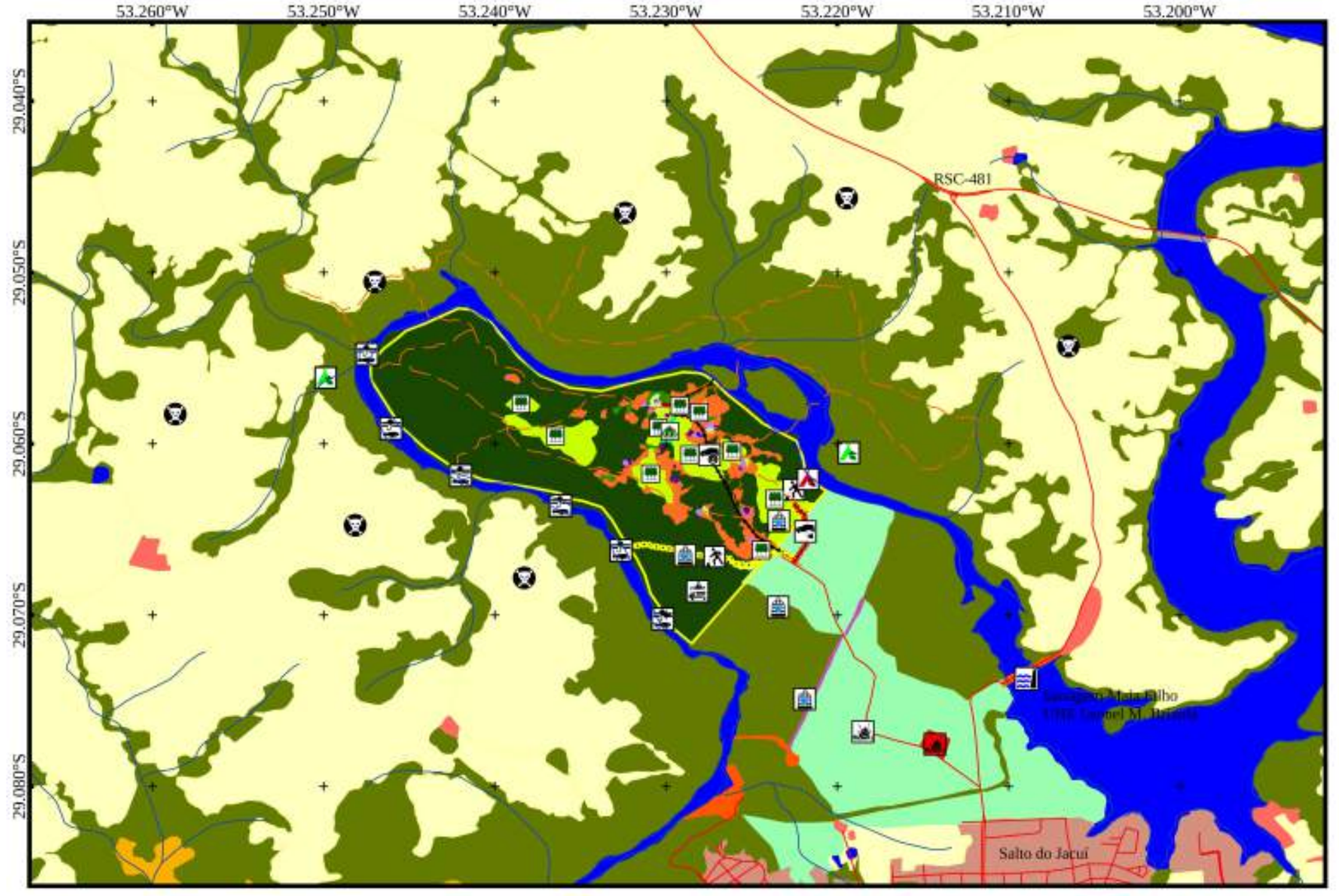
O problema mais recorrente, no entanto, é a formação de acampamentos para a pesca. Os *jurua* não costumam aproveitar todos os peixes que são pescados. O cascudo, que é uma espécie sagrada para os Mbya, muitas vezes é jogado fora pelos *jurua*. Além do desperdício do recurso pesqueiro, ante a ausência de fiscalização por parte do poder público, lixo também é deixado nesses acampamentos. Os principais locais de incidência dessas atividades estão apontados no mapa de conflitos ambientais apresentado ao final do capítulo.

Outro aspecto a ser considerado é que, na estrada que dá acesso à TI, existe uma antiga usina de reciclagem de lixo. Essa usina, já desativada, permanece sendo utilizada para o descarte dos mais variados tipos de resíduos. Por óbvio, o lixo é responsável pela proliferação de agentes transmissores de doenças e pelo altíssimo risco de contaminação do lençol freático, dentre outros fatores que impactam diretamente no bem-estar da comunidade. Como inexiste uma gestão apropriada do local, queimam-se os materiais descartados, aumentando vertiginosamente a incidência de incêndios.

A construção da usina hidroelétrica no Salto do Jacuí também é outro importante aspecto a ser considerado quando da discussão acerca da gestão territorial da TI. Por alterar o fluxo natural do rio, a barragem tem vigoroso impacto no desenvolvimento das atividades Mbya.

Os *xeramoi* relatam que, antes da construção desse empreendimento, os paris eram construídos no leito do rio. Entretanto, como não é mais possível prever-se o ciclo das águas, atualmente os Mbya da Tekoa Porã não constroem mais essas armadilhas tradicionais de pesca. Quando as comportas da barragem são abertas, o trabalho é, literalmente, levado por água abaixo, inclusive colocando em risco as pessoas envolvidas na confecção daquele artefato.

Vários locais de pesca foram perdidos em decorrência das transformações ocorridas no Jacuí. A diversidade e a quantidade de pescado disponível também diminuíram drasticamente pelo barramento das águas. Para contornar esses impactos, a comunidade prospecta a abertura de açudes e a implementação de projetos de piscicultura.




MAPA TEMÁTICO

# CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS

## TI SALTO DO JACUÍ

LEGENDA

- perímetro TI
- tapepo'i - trilha
- sistema viário
- sistema hídrico
- acesso de pescadores caminhando
- acesso automotivo de pescadores
- circulação de veículos visitantes em alta velocidade
- acampamento jurua para pesca dentro da TI
- acampamento jurua para pesca
- pesca jurua
- barragem Maia Filho
- captura de aves silvestres
- lixão
- usina de reciclagem desativada
- roubo de palanques
- agrotóxico
- kalipioty - eucalipto
- pinhondy - pinus
- ka'aguy - mata nativa
- ka'aguy yvyi'i - capoeira
- kalipioty - eucalipto
- pinhondy - pinus
- nhundy - campo
- kokue - roça
- oga - casa
- oka - pátio
- jaugaa - campo de futebol
- yy no'õ - açude
- agropecuária intensiva
- silvicultura de exóticas no entorno
- mata nativa no entorno
- zona urbana do Salto do Jacuí
- edificação rural no entorno
- barragem - complexo UHE
- linha de transmissão
- mineração
- lixão

0 500 1000 1500 m

Escala 1:20000
SIRGAS 2000 - EPSG: 4674
FEV 2017

N

FONTE:
Interpretação imagens de satélites Google Earth e mapas elaborados pela comunidade.
Hasenack, H.; Weber, E. (org.). Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS-IB-Centro de Ecologia. 2010.
Funai, 2015. Terras Indígenas do Brasil.
OpenStreetMap, 2016.

# PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TI SALTO DO JACUÍ - TEKOA PORÃ

# PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL TEKOA PORÃ

## 1 ATIVIDADES PRODUTIVAS

## 1.1 Agricultura

### 1.1.1 Ampliação dos espaços de roças

Com demanda por mais espaços de implementação de agricultura tradicional, é necessário suprimir parte das áreas de silvicultura que estão indicadas no mapa de etnozoneamento.

**AÇÕES**

- Corte das espécies arbóreas exóticas (pinus e eucalipto)
- Destocamento das áreas para torná-las propícias à prática agrícola
- Articular junto aos parceiros plantios para a recuperação ambiental e do solo para tornar as áreas aptas ao desenvolvimento da agricultura tradicional guarani.

### 1.1.2 Preparo do solo

### 1.1.2.1. Puxirão

Uma vez que a agricultura é vista como elemento vital para os Mbya, ela está diretamente relacionada com questões de educação/aprendizado e de saúde. Portanto, esta deve estar incorporada transversalmente em uma política pública mais ampla.

**AÇÕES**

- Buscar e ampliar a rede de parcerias para a aquisição de ferramentas agrícolas e alimentação das pessoas envolvidas nos mutirões.
- Buscar maior diálogo junto às instituições vinculadas ao tema da agricultura sobre a importância de apoiar essa forma tradicional de organização para o preparo da terra para o plantio. Exemplo: Emater, Secretaria de Desenvolvimento Rural e Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul e FUNAI.

### 1.1.2.2. Preparo do solo com uso de tração animal:

O preparo de solo para o plantio em boa parte da produção se dá através do puxirão, mas em alguns momentos e terrenos o preparo de solo pode ser feito com tração animal. Conforme descrito anteriormente a demanda de aquisição de junta de bois proporcionará melhores condições de autonomia e diminuição de custos na produção. Esta junta e seus implementos associados, como o carretão, possibilitarão outros usos, como carregar lenha, taquara, produtos agrícolas e etc.

**AÇÕES**

- Aquisição de uma junta de bois com carretão, arado e grade compatíveis.

- A construção de um galpão agrícola para armazenar e não deteriorar a carreta e todos os implementos, ferramentas e insumos agrícolas.

- Respeito ao calendário agrícola Mbya Guarani para o preparo de solo. Portanto é de grande importância iniciar os trabalhos entre maio e junho.

### 1.1.2.3. Preparo mecanizado do solo

Enquanto a comunidade não tiver autonomia na preparação de solo por tração animal, a lavragem do solo de forma mecanizada ainda é necessária. Portanto, fazer as roças para garantir a segurança alimentar é uma medida importante, assim como é importante contar com parcerias para tal finalidade.

**AÇÕES**

- Buscar com antecedência os parceiros que atuam em atividades agrícolas para o preparo mecanizado do solo para garantir a aplicação a partir do mês de maio. Parceiros: FUNAI, EMATER, Secretaria de Desenvolvimento Rural, Prefeitura do Salto do Jacuí e demais.

- Antes do uso das máquinas, tomar as precauções de cuidado com a limpeza dos implementos agrícolas (arado e grade) e do trator para minimizar a contaminação dos espaços de *kokue* da Terra Indígena com plantas daninhas.

### 1.1.3 Intercâmbio e aquisição de sementes

É de fundamental importância fortalecer o intercâmbio entre as *tekoa*, famílias e pessoas Mbya guarani. São essas iniciativas de viagens de intercâmbios e visitas que promovem as trocas e o fluxo das mudas, ramas e sementes tradicionais, assim como o fortalecimento das redes de aquisição de sementes crioulas e orgânicas com os *jurua* que atuam com essas sementes.

**AÇÕES**

- Promover intercâmbios de troca de sementes entre as *tekoa*, fortalecendo a cultura e agricultura tradicional Mbya Guarani.

- Fortalecer o intercâmbio com instituições e organizações que trabalham com sementes crioulas e orgânicas para a ampliação e manutenção da agrobiodiversidade nas *kokue* Mbya Guarani.

### 1.1.4 *Oka* – Fortalecimento dos quintais agroflorestais familiares

Os quintais (os *oka*) são espaços privilegiados para abarcar projetos produtivos dos mais variados, como de fruticultura, agroflorestas, medicinais, horticultura e também através da diversificação da criação de animais de pequeno porte. Tais iniciativas são fundamentais para garantir maior soberania e qualidade alimentar, fortalecendo

a saúde e a espiritualidade Mbya Guarani.

**AÇÕES**

- Aquisição e apoio para o plantio qualificado de mudas frutíferas.

- Minicurso para lidar com as espécies frutíferas exóticas, buscando orientação e capacitação para conhecer as épocas boas de plantio, espaçamentos, adubação, manejos de combate e controle das formigas, épocas e formas de podas, assim como caldas agroecológicas, de baixo custo, que podem ser aplicadas nos pomares para eliminar pragas e doenças. Parceiros: FUNAI, EMATER, Secretaria de Desenvolvimento Rural, ONGs, Universidades, Institutos Federais, Escolas Agrícolas e demais parceiros.

## 1.2 Criação de animais

### 1.2.1 Avicultura - *Tymba kuery*

A avicultura possui um papel importante na segurança alimentar, na promoção da saúde e na boa relação com os parentes. Deste modo, a comunidade pretende investir mais nessa atividade, desenvolvendo canais para ampliação da produção e, no longo prazo, se houver excedente, viabilizar o escoamento da produção, com geração de renda.

#### 1.2.1.1 Aporte na alimentação

A principal dificuldade para criar aves é obter a alimentação para os animais. Deste modo, em projetos futuros é importante atentar para um maior aporte de alimentação para as aves, principalmente milho.

**AÇÕES**

- Fortalecimento das roças de milho crioulo (do *jurua*) gerando excedente para a alimentação das aves em criação.

- Articular junto a parceiros que queiram colaborar no aporte de alimentação para o desenvolvimento da avicultura.

#### 1.2.1.2 Diversificação da criação de aves

A comunidade projeta maior diversificação das espécies e variedades criadas, potencializando assim, os diferentes espaços propícios à criação de aves e os distintos serviços ecológicos desempenhados pelas espécies, bem como a ampliação dos produtos e subprodutos resultantes da diversificação do plantel.

**AÇÕES**

- Buscar parcerias para a diversificação do plantel de aves, priorizando a aquisição de matrizes de angolistas (Galinha d'angola), para o combate da *akeke* (formiga cortadeira) e produção de ovos; bem como de matrizes de galinha-garnisé (*urupina*) e peru (*pavi*).

### 1.2.1.3 Futuros projetos de geração de renda

A avicultura também é vista como uma possível fonte de renda para as famílias no futuro. Começando pelo potencial da venda de ovos caipiras e orgânicos, já bastante valorizados no mercado. Para alavancar essa atividade na comunidade seria necessário, num primeiro momento, formas de armazenagem, embalagens e estratégias de escoamento da produção.

**AÇÕES**

- Busca de parceiros para desenvolvimento da cadeia produtiva (produção, armazenamento, identidade do produto, embalagem, selo, escoamento).

- Busca por certificação de identidade e selo de origem do produto.

## 1.2.2 Suinocultura - *Kure xerymba*

Na Tekoa Porã a suinocultura, apesar de ser uma atividade recente, vem ganhando importância pela produção de carne de qualidade para a segurança alimentar da comunidade.

### 1.2.2.1 Aporte na alimentação

Desenvolver planejamentos e projetos coletivos buscando fontes de alimentos para a criação de *kure* (porcos), principalmente, pensando no milho, mas considerando a importância de trabalhar, também, com formas de trato alternativas.

**AÇÕES**

- Buscar parceiros para o desenvolvimento de formas de trato alternativas, como, por exemplo, o uso de subprodutos de roça para complementar a alimentação.

- Articular junto a potenciais parceiros o recebimento de alimentos que não são propícios para o consumo humano, bem como subprodutos da agricultura na região (restaurantes, mercados, feiras, agricultores familiares da vizinhança).

### 1.2.2.2 Estruturação de chiqueiros

É importante a estruturação de chiqueiros rústicos eficientes para o confinamento dos porcos em condições mais favoráveis ao manejo e ao conforto dos animais.

**AÇÕES**

- Buscar parceiros para colaborar com modelos arquitetônicos de chiqueiros permaculturais que agreguem conhecimentos e matéria-prima tradicionais.

- Buscar reaproveitamento de materiais disponíveis na aldeia e na vizinhança para uso na estruturação dos chiqueiros.

### 1.2.2.3 Assistência técnica, capacitação e troca de saberes sobre suinocultura

A comunidade avalia que a suinocultura, por ser uma técnica mais recente na comunidade, necessita de uma troca de saberes entre a comunidade e os *jurua* para a existência de criações saudáveis.

**AÇÕES**

- Busca de apoio na capacitação de boas práticas de suinocultura, focando principalmente na alimentação animal, nas raças existentes no mercado e nas que seriam de interesse da comunidade.

- Buscar conhecimento de técnicas para lidar com doenças e com prevenção delas.

### 1.2.2.4 Busca por raças de interesse

A comunidade tem interesse em ampliar as variedades criadas na aldeia e em identificar novas raças entre as disponíveis no mercado, e disponíveis no mercado, principalmente variedades de Porco-banha (raças que possuem qualidade e rendimento de banha).

**AÇÕES**

- Buscar parceiros para a identificação das raças disponíveis no mercado da região para definição das raças de interesse e onde adquiri-las.

- Buscar parceiros e projetos para aquisição de matrizes das raças de interesse.

## 1.2.3 Piscicultura - *Nhande rymba pirare*

No processo de elaboração do Plano de Gestão, a comunidade apontou que futuros projetos de piscicultura devem passar por um processo aprofundado de discussão sobre as formas de criação. O objetivo é que as ações sejam aplicadas de forma mais integrada com outras atividades produtivas e com o modo de viver guarani. Através da integração produtiva, os espaços dos açudes e seus entornos passam a propiciar ambientes favoráveis para conciliar outras atividades como: a criação de patos e gansos e de espécies vegetais de interesse Mbya que se desenvolvem bem próximos aos corpos d'água, como é o caso de diversas espécies frutíferas, de taquaras e do capim-santa-fé.

**AÇÕES**

- Concepção de um projeto permacultural de sistemas produtivos de aquicultura ecológicos e autossustentáveis. Espelhando-se em ecossistemas naturais complexos, reproduzindo um ambiente lacustre com diferentes substratos e vegetações agregadas, permitindo diversos habitats, recursos alimentares, sombras e refúgios para as espécies internas ao sistema.

- Integração produtiva ao redor dos açudes, associando à piscicultura outras atividades, como a criação de patos e gansos, plantios de taquaras, capim-santa-fé e espécies frutíferas nativas – fundamentais para o próprio sucesso do sistema como um todo.

- Realizar processo de discussão e escolha das espécies a serem criadas, primando por utilizar espécies nativas de interesse Mbya e de maior rusticidade (não carnívoras) e que não necessitam de ração, como: o jundiá (*nhundi'a*), cascudos (*tamboata*, que é grande, e do *jakare pito*, que é amarelo e barbudo), carás (principalmente do *akaraguaxu*), pintado (*mandy*) e lambaris (*piky'i*).

- Buscar a aquisição de alevinos, preferencialmente investir em alevinões, o que diminui a taxa de mortalidade.

- Manutenção e revitalização dos açudes já existentes e abertura de novos açudes.

### 1.2.4 Meliponicultura e apicultura

Diante da escassez de mel nas matas e do processo de extinção das abelhas nativas, a comunidade tem interesse em desenvolver projetos de meliponicultura (criação de abelhas nativas sem ferrão) e apicultura (criação de *Eiropa* – abelhas europeias).

**AÇÕES**

- Buscar parceiros para o desenvolvimento de projetos de capacitação em meliponicultura e apicultura, e aquisição de matérias de manejo nessas atividades.

- Aquisição de colmeias de abelhas nativas (principalmente de *Jataí*) em caixinhas de criação e, implementação de um meliponário comunitário próximo às áreas de roças e moradias (ver localização indicada no mapa de Etnozoneamento no final do capítulo).

- Aquisição de caixas de *Eiropa* (abelhas europeias – *Apis mellifera*) e criação de um apiário comunitário em área com eucaliptos e mata nativa, distante dos núcleos habitacionais - ver localização indicada no mapa de Etnozoneamento ao final do capítulo.

## 1.3 Sustentabilidade da fauna silvestre para consumo

Visto a atual situação, em que "muitos bichinhos estão sumindo e se terminando", a comunidade está preferindo exercer a caça sobre os animais mais abundantes e comuns, como o tatu, por exemplo. Atualmente os Mbyá vivem uma baixa na atividade de caça, e necessitam realizar expedições que extrapolam o território da TI, espraiando-se principalmente pelas porções a norte e oeste da TI, onde ainda encontram condições de caçar.

**AÇÕES**

- Apoiar e articular junto aos parceiros a concretização de corredores ecológicos permanentes na região, com objetivo de conectar os fragmentos florestais e promover o trânsito e a conservação da fauna.

- Apoiar a preservação das matas ciliares – importantes corredores ecológicos na região – tanto cobrando a preservação das matas ainda existentes, como apoiando iniciativas de recuperação ambiental das áreas desmatadas.

- Apoiar iniciativas de combate à caça predatória e à captura de animais silvestres na região.

- Continuar demandando a atualização dos limites da TI para que as gerações futuras tenham condições de exercer a caça.

## 1.4. Enriquecimento Florestal e Conservação da Agrobiodiversidade Mbya

A comunidade almeja ampliar suas parcerias e iniciativas para promover o reflorestamento e o uso sustentável dos recursos naturais, bem como, a conservação e salvaguarda do patrimônio genético agrícola e dos conhecimentos tradicionais associados. Logo, é essencial realizar ações que amplifiquem a diversidade biológica na Tekoa e região, trazendo maior disponibilidade de recursos naturais. Nesse ponto, os plantios são fundamentais e podem ser realizados em áreas abertas e degradadas, nos espaços próximos às moradias, em capoeiras e matas consolidadas. Ações, como os manejos de enriquecimento florestal, sistemas agroflorestais e pomares biodiversos têm o objetivo de constituir ambientes produtivos (ver as áreas destinadas no Mapa de Etnozoneamento).

**AÇÕES**

- Buscar articulação e apoio para a realização de mutirões de plantios utilizando-se de espécies interesse, uso e apego cultural Mbya Guarani, principalmente atentando para as espécies frutíferas, medicinais, melíferas, artesanais (utilizadas para a confecção de artesanatos e construções) e energéticas (para lenha).

- Buscar parceiros para implementação de sistemas agroflorestais e quintais agroflorestais, principalmente, visando a prospecção e aquisição de mudas e sementes de interesse Mbya.

- Construção de um horto comunitário em ambiente próximo à *Opy* para a conservação das espécies importantes para o bem viver Mbya e propiciar um espaço biodiverso privilegiado para que os *Karai kuery* (lideranças espirituais) e os mais velhos (*xeramoi* e *xejaray kuery*) possam trocar e transmitir os conhecimentos e práticas tradicionais aos mais jovens.

- Promover viagens de intercâmbios para a troca de saberes, experiências, mudas e sementes, com foco na valorização dos conhecimentos tradicionais e nas trocas de germoplasma entre os parentes.

- Buscar ampliar e potencializar parcerias e envolvimento em Redes e Bancos de Sementes que possam colaborar e trocar com a comunidade.

# 2 PROTEÇÃO TERRITORIAL

Na Tekoa Porã, o maior problema ambiental para a comunidade é conviver com as grandes áreas de espécies arbóreas exóticas (eucalipto e pinus). Já faz anos que a comunidade vem reivindicando a erradicação dessas árvores, para que assim possa usufruir plenamente do seu território, de acordo com seus usos, costumes e tradições. Este PGTA busca delinear ações para a solução e aplicação desses recursos e demais conflitos ambientais. Outras atividades que atentam contra o usufruto exclusivo dos Mbya Guarani são as investidas de caçadores de aves silvestres, a caça ilegal e pesca nos limites da Terra Indígena. São diversos os casos que podem ser resolvidos a partir da articulação da comunidade e do diálogo com os jurua para a proteção territorial.

## 2.1 Combate e manejo das espécies arbóreas exóticas

Além do problema de ter essas áreas ocupadas pelo monocultivo de silvicultura exótica, seus efeitos negativos no solo e nas nascentes, a comunidade necessita elaborar uma estratégia coletiva para a venda legalizada desse recurso. Para isso um planejamento das ações ainda está para ser elaborado com mais detalhes nas formas tradicionais de tomada de decisão coletiva como segue.

**AÇÕES**

- Efetivação, junto à Coordenação Técnica Local da FUNAI em Cruz Alta, do corte dos eucaliptos próximos às estruturas e moradias da Terra Indígena e aplicação destes recursos na construção de dez moradias. O processo já está em andamento.

- Organização de reuniões coletivas para definir as prioridades de novas ações de corte de eucalipto, constatando se após a primeira ação haverá resquícios de árvores em zonas de perigo. Elencar novas zonas de corte de acordo com as zonas definidas no etnozoneamento. Elaboração e detalhamento do plano de aplicação dos recursos possivelmente em estruturas propostas no etnozoneamento.

- Sinalização das estradas e trilhas alternativas de acesso à terra indígena como Terra Indígena protegida (placa da FUNAI) e placas avisando que é proibida a caça, pesca e extração de flora por pessoas estranhas com o intuito de evitar o roubo de eucaliptos e pinus para a venda de palanques.

- Articular uma parceria com a fiscalização ambiental da 2ª Companhia Ambiental (1º Pelotão Ambiental da Brigada Militar) de Cruz Alta, o Escritório Regional de Santa Maria do IBAMA e Coordenação Técnica Local da FUNAI em Cruz Alta para a proteção territorial nas ações referentes ao roubo de palanques.

## 2.2 Planejamento dos resíduos descartados na Terra Indígena e arredores

A presença de uma antiga usina de reciclagem de lixo no caminho de acesso à Terra Indígena, por mais que esteja desativada atrai os jurua para o depósito de lixo. Sem o gerenciamento da prefeitura, os arredores se tornaram um verdadeiro depósito de lixo a céu aberto. As origens desses descartes ilegais são diversas. Conforme verificado há perigo de incêndios, provavelmente ateados pelas próprias pessoas que descartam ou manejam o lixo para reciclagem. No mapa dos conflitos ambientas a comunidade também apontou na redondeza novos pontos de descarte de lixo.

**AÇÕES**

- Articular e exigir da Prefeitura do Salto do Jacuí ações concretas de gestão de resíduos na coleta de lixo dentro da Terra Indígena e fiscalização do descarte no galpão de reciclagem desativado e demais depósitos de lixo apontados.

- Buscar formas conjuntas com a Prefeitura de monitoramento do despejo de lixo na volta da Terra Indígena e buscar responsabilizar os proprietários dos terrenos que acumulam lixo.

- No longo prazo, caso o problema não seja resolvido, eleger a atualização dos limites da Terra Indígena nos pontos em que são utilizados como depósito ilegal de lixo para a prevenção deste impacto ambiental.

## 2.3 Relação com a usina hidrelétrica

A presença das barragens que controlam o fluxo do rio Jacuí proporciona uma série de importunos para o uso tradicional do rio na Tekoa Porã. Conforme narram os xeramoi da Tekoa Porã, o Salto era perfeito e bem maior do que é hoje e sua barragem teve impactos socioambientais que chegam inclusive ao nível espiritual e que merecem ser aprofundados com estudos mais extensos. A quantidade de peixes foi reduzida e varia de acordo com a administração das usinas hidrelétricas. Os efeitos na vida humana também repercutem em casos em que as pessoas que transitam no rio Jacuí passam por situações de perigo com a abertura das comportas nos períodos chuvosos. Para tanto algumas ações foram delineadas para avaliar impactos e pensar ações de mitigação, recuperação e compensação.

**AÇÕES**

- Acompanhar com a Coordenação Técnica Local sobre a situação do licenciamento das barragens e usinas hidrelétricas na região, assim como a previsão da renovação das licenças ambientais.

- Buscar apoio da comunidade para ações de mitigação dos impactos que a barragem causa à pesca tradicional.

- Elaborar projetos e formas de garantir o pescado a médio e longo prazo com a abertura de açudes e a implementação de projetos de piscicultura.

- Iniciar interlocução com as empresas responsáveis pelas barragens para exigir que se coloquem duas sirenes de aviso dentro e fora da aldeia, principalmente no mirante da aldeia e do outro lado da terra indígena.

## 2.4 Pesca e caça predatória na região

Os ilícitos ambientais praticados pelos *jurua* que concernem à fauna são de grande preocupação para o Mbya Guarani, pois afetam o equilíbrio da relação com os donos dos animais (*ijá*) e prejudicam as atividades produtivas. No caso da pesca é reconhecido que as práticas predatórias dos *jurua* remetem a um desperdício do recurso pesqueiro porque os *jurua* não aproveitam todos os peixes que são pescados e estes muitas vezes são espécies sagradas. A caça e a pesca pelos *jurua* também afetam o plano coletivo de criar condições de fartura através do aumento da população da fauna dentro da Terra Indígena. Para evitar esses problemas seguem as ações propostas.

**AÇÕES**

- Sinalização das estradas e trilhas alternativas de acesso à Terra Indígena com placas da FUNAI e avisos de que é proibida a caça, pesca e extração de flora por pessoas estranhas, com o intuito de desencorajar os acampamentos de pesca dos jurua dentro da TI.

- Realização de reuniões da comunidade pra decidir como lidar com a entrada de pessoas conhecidas que queiram pescar na área indígena e com caçadores de pássaros não autorizados.

- Articular uma parceria com a fiscalização ambiental da 2ª Companhia Ambiental (1º Pelotão Ambiental) da Brigada Militar de Cruz Alta, o Escritório Regional de Santa Maria do IBAMA e Coordenação Técnica Local da FUNAI em Cruz Alta para a proteção territorial e da fauna.

- Realização de reuniões da comunidade pra decidir como lidar com os acampamentos fora dos limites da terra indígena no rio Jacuí.

- Articular uma parceria com a fiscalização ambiental da 2ª Companhia Ambiental (1º Pelotão Ambiental da Brigada Militar) de Cruz Alta, o Escritório Regional de Santa Maria do IBAMA e Cordenação Técnica Local da FUNAI em Cruz Alta sobre a questão da pesca dos não indígenas no rio Jacuí em áreas próximas aos limites da TI.

- No longo prazo, caso o problema não seja resolvido, eleger a atualização dos limites da Terra Indígena nos pontos em que ocorrem acampamentos de pesca imediatos aos limites da Terra Indígena.

## 2.5 Monocultura e uso de agrotóxicos no entorno da TI

Conforme podemos observar no nos mapas de cobertura do solo regional e no de conflitos socioambientais, o trecho do rio Jacuí no entorno da Terra Indígena recebe uma carga significativa de agrotóxicos. Os poucos fragmentos florestais que restam na outra margem do rio estão associados aos corpos d'água e locais de encostas onde não há condições de mecanização do solo. Na perspectiva guarani isto tem provocado a redução da quantidade de peixes e comprometido a vazão dos cursos d'água.

**AÇÕES**

- No curto prazo, entrar em contato com o IBAMA e a Secretaria Estadual do Meio Ambiente para fiscalizar as propriedades da volta no que tange à manutenção das áreas de preservação permanente (APPs).

- No médio prazo, a criação de uma zona de amortecimento para a terra indígena.

- No longo prazo, caso o problema não seja resolvido, eleger a atualização dos limites da Terra Indígena nos pontos em que ocorrem acampamentos de pesca imediatos aos limites da Terra Indígena.

- Entrar em contato com o IBAMA e a Secretaria Estadual do Meio Ambiente para fiscalizar as propriedades da volta no que tange à manutenção das áreas de preservação permanente (APPs) e à área dos cursos d'água que estão secando devido à agricultura intensiva.

## 2.6 Turismo

As atividades de turismo na Tekoa Porã possuem aspectos bastante positivos para a comunidade, como a possibilidade de gerar renda e proporcionar na Terra Indígena espaço de vivências interculturais e educação ambiental e indigenista, e de compartilhar um pouco da cultura Guarani com os visitantes. No entanto, algumas adequações são necessárias para que essas atividades não interfiram de forma negativa no dia a dia da comunidade.

**AÇÕES**

- Construção de um Centro Cultural para receber visitantes, expor os artesanatos para a venda e produzir alimentos tradicionais.

- Colocar placa de limite de velocidade para os carros dos visitantes para evitar acidentes.

# 3 EDUCAÇÃO

O espaço da escola, mesmo que não seja a principal forma de formação da pessoa Mbya Guarani, tem uma grande importância para a comunidade. A escola não deve ser meramente uma escola bilíngue, mas sim uma escola intercultural com ensino diferenciado. A melhora da escola faz parte da estratégia de fortalecimento da comunidade, e melhorias na sua estrutura contribuirão para a pesquisa dos direitos indígenas, fortalecimento da língua, da cultura, das boas formas de se comportar e a agricultura.

## 3.1 Estrutura/material

A estrutura da escola se limita a duas salas de aula, uma cozinha, uma secretaria com apenas dois computadores com dificuldade de acesso à internet. Também enfrenta problemas de disponibilidade de material escolar e material didático para a realização das atividades pedagógicas. Outros recursos que podem variar as práticas pedagógicas, como máquina fotográfica, projetor, tela de projeção, impressora e filmadora teriam um bom uso nas aulas, mas não são fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação. No que envolve a estrutura da escola, ainda falta a construção de um prédio escolar adequado que possa dar conforto para os alunos aprenderem, espaços recreativos para as crianças e para a prática esportiva.

**AÇÕES**

- Entrar em contato com a Rede de Saberes Indígenas, Secretaria da Educação (SEDUC), COMIN, CEPI, CIMI, FUNAI, Universidades, GAPIN e CTI para doação de material escolar e material didático diferenciado.

- Articular com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) e outros a compra de equipamentos pedagógicos (máquina fotográfica, projetor, tela de projeção, impressora, filmadora).

- Articular com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) o projeto do prédio escolar adequado e a execução da obra.

- Articular com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) e Prefeitura Municipal do Salto do Jacuí os projetos para os espaços recreativos para as crianças, para prática esportiva (educação física), sala de multiuso e a execução das obras.

- Articular com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), Prefeitura Municipal do Salto do Jacuí e demais parceiros a aquisição de material esportivo para educação física

- Articular com a EMATER e a Escola a política do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Esclarecimento junto com a EMATER de como fazer o talão do agricultor familiar para poder comercializar os produtos agrícolas.

## 3.2 Política Pública e Recursos Humanos

Um ensino diferenciado de qualidade exige mais do que estrutura física: também passa pelas boas condições de trabalho dos professores, sua formação e reconhecimento de seu papel na organização da comunidade e da escola. Tudo isso implica fortalecer o ensino diferenciado através da participação dos *xeramoi*, *xejaryi* e *karaikuery*. Implica ainda a valorização do trabalho dos professores através da abertura de concursos, capacitação continuada para os professores indígenas e não indígenas, a criação do magistério guarani (em nível estadual) e encontros de professores indígenas. O Plano de Gestão em Educação tem o intuito de criar as condições necessárias para se possa oferecer o ensino fundamental e médio completos com qualidade na Tekoa Porã, garantindo maior autonomia da comunidade.

**AÇÕES**

- Fortalecer a articulação das lideranças, professores e profissionais de educação indígena em nível estadual para a valorização do trabalho dos professores e abertura de concursos.

- Fortalecer a luta indígena e articulação com as instituições (SEDUC, CEPI, GAPIN, FUNAI, CAPG-RS, Rede de Saberes Indígenas) para a criação do Magistério Guarani (no nível estadual).

- Articulação com a Secretaria Estadual de Educação, Rede de Saberes Indígenas, Universidades e demais parceiros para garantir espaços de formação e capacitação continuada para os professores indígenas e não indígenas.

- Propor à SEDUC a inserção de conteúdo da cultura guarani nos editais de seleção de professores e demais profissionais da área da educação (diretor, merendeiras, secretária) para qualificar a contratação de profissionais da área de educação.

- Propor à Rede de Saberes Indígenas, à Secretaria Estadual de Educação e outros parceiros a realização do Encontro Anual de Professores Bilíngues.

- Entrar com ação no Ministério Público Federal para que a Secretaria Estadual de Educação e a Prefeitura Municipal do Salto do Jacuí façam o transporte diurno e noturno para os alunos das séries que não são oferecidas na TI.

- Articular com a Secretaria Estadual de Educação a ampliação do número de turmas e contratação de professores para, a curto e médio prazo, garantir o ensino fundamental completo (até a nona série) na TI.

- Articular com a Secretaria Estadual de Educação a ampliação do número de turmas e contratação de professores para, a médio /longo prazo, garantir o ensino médio na TI.

- Fazer articulação junto à Secretaria de Obras do Município do Salto do Jacuí para fazer a manutenção da estrada que dá acesso à escola e melhorar o acesso à TI.

- Articular com a direção da escola a reserva de horas-aula para a vivência das crianças com os *xeramoi*, *xejaryi* e *karai*.

# 4 PLANO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE DIFERENCIADA

Como visto anteriormente, para os Mbya Guarani a saúde e bem-estar estão diretamente vinculados com as relações espirituais, as boas condições das práticas rituais e o acesso aos tratamentos tradicionais. Uma política intercultural na qual a biomedicina reconhece o atendimento diferenciado contribui significativamente para o Bem Viver. Para tanto as políticas públicas de Estado devem ser colaboradoras em atividades tradicionais relacionadas à saúde, como *nhemongarai* e o apoio aos *karai kuery*. Também se percebe que as dificuldades de acesso ao sistema de saúde são compartilhadas com os jurua mesmo com a existência de uma estrutura e orçamentos diferenciados para o atendimento à saúde indígena. Muitos exames são feitos fora da cidade e o transporte está sendo realizado pela prefeitura municipal. A consequência disso é que os Mbya Guarani são obrigados a esperar o atendimento de todos os pacientes do município, inclusive nos exames pré-natal, sem qualquer subsídio de alimentação. Neste sentido foram reconhecidas as principais ações para solução dos problemas sofridos atualmente.

**AÇÕES**

- Envolver através do diálogo a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e demais parceiros no apoio às atividades de preparação do ritual do *nhemongarai*.

- Articular com a SESAI condições de orçamento para a disponibilidade de transporte do *xeramoi* para outras aldeias quando for atender fora da Tekoa Porã e, dependendo do caso, para que o paciente vá até a TI.

- Articular com a SESAI condições de orçamento para transporte noturno para emergências.

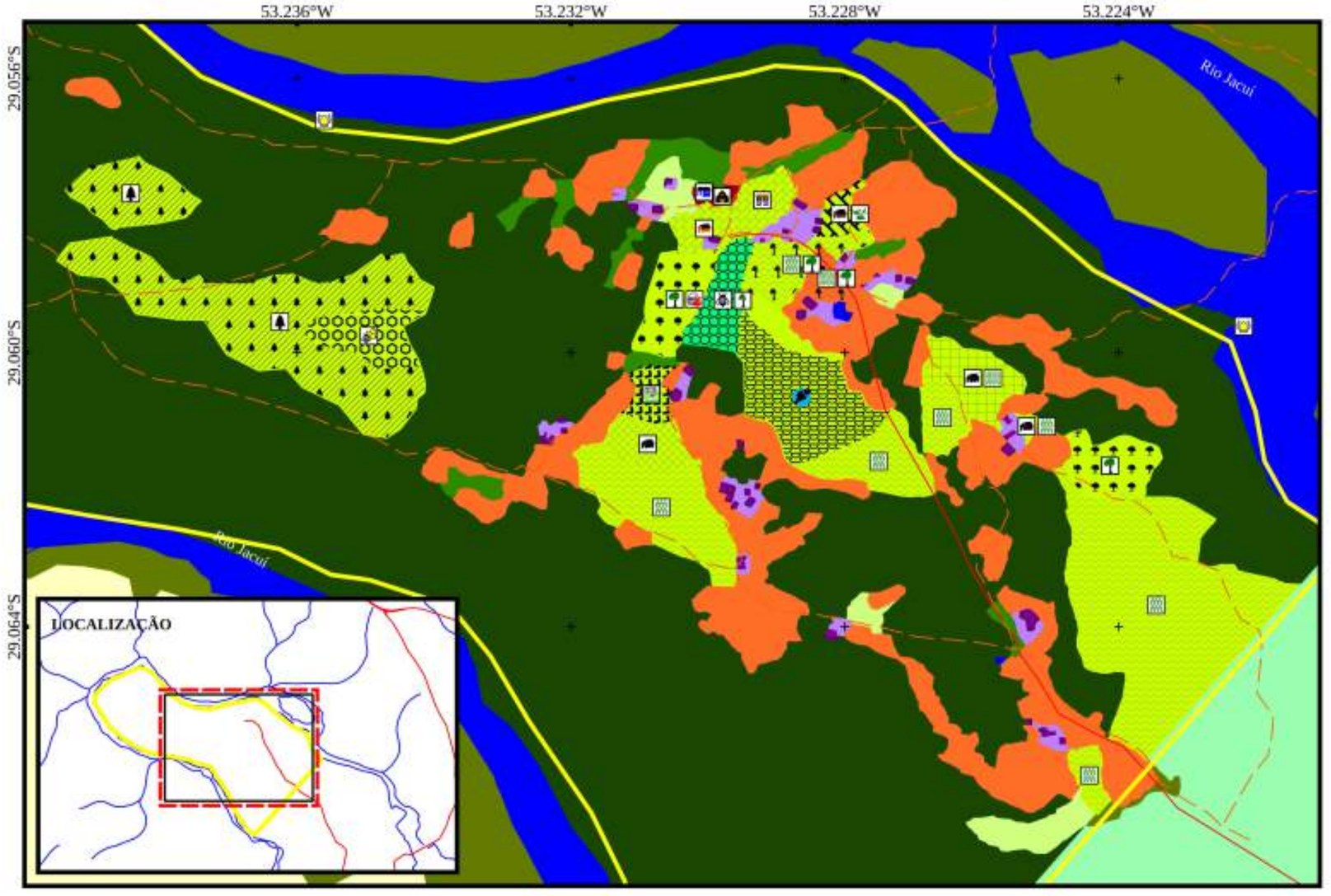
- Articular com a SESAI condições de orçamento para que o transporte para exames fora da cidade seja feitos pela Secretaria e não pela prefeitura municipal (evitando esperas maiores por atendimento).

- Articular com a SESAI condições de orçamento para a alimentação de pacientes e acompanhantes em cirurgias e exames.

- Articular com a SESAI e Prefeitura do Salto do Jacuí condições de orçamento para melhor acesso à saúde bucal e próteses dentárias

- Articular com a SESAI e Prefeitura do Salto do Jacuí condições de orçamento para a ampliação do atendimento oftalmológico.

- Contato com a Prefeitura e Secretaria de Obras para a manutenção da estrada principal de acesso à Terra Indígena.




MAPA TEMÁTICO

# ETNOZONEAMENTO - MAPA DE FUTURO

## TI SALTO DO JACUÍ

LEGENDAS

- perímetro TI
- sistema viário
- sistema hídrico
- tapepo'i - trilha

- ka'aguy - mata nativa
- ka'aguy yvyi'i - capoeira
- kalipioty - eucalipto
- pinhondy - pinus
- nhundy - campo
- kokue - roça
- oga - casa
- oka - pátio
- jaugaa - campo de futebol
- yy no'õ - açude
- agropecuária intensiva
- silvicultura de exóticas no entorno

ETNOZONEAMENTO

- opy'i + horto medicinal
- habitação
- habitação + kokue
- kokue
- agrofloresta
- mantém eucalipto
- reflorestamento
- reflorestamento + pomares
- meliponicultura + agrofloresta
- apicultura
- açudes
- campo de futebol
- alojamento
- escola nova
- galpão agrícola
- galpão comunitário multiuso
- sirene

0 100 200 300 m

Escala 1:5000
Sirgas2000 - EPSG: 4674
FEV 2017

N

FONTE:
Hasenack, H.; Weber, E. (org.). Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS-IB-Centro de Ecologia. 2010.
Funai, 2015. Terras Indígenas do Brasil.
OpenStreetMap, 2016.
Interpretação imagens de satélites Google Earth e mapas elaborados pela comunidade.

MAPA TEMÁTICO

**ETNOZONEAMENTO - MAPA DE FUTURO**

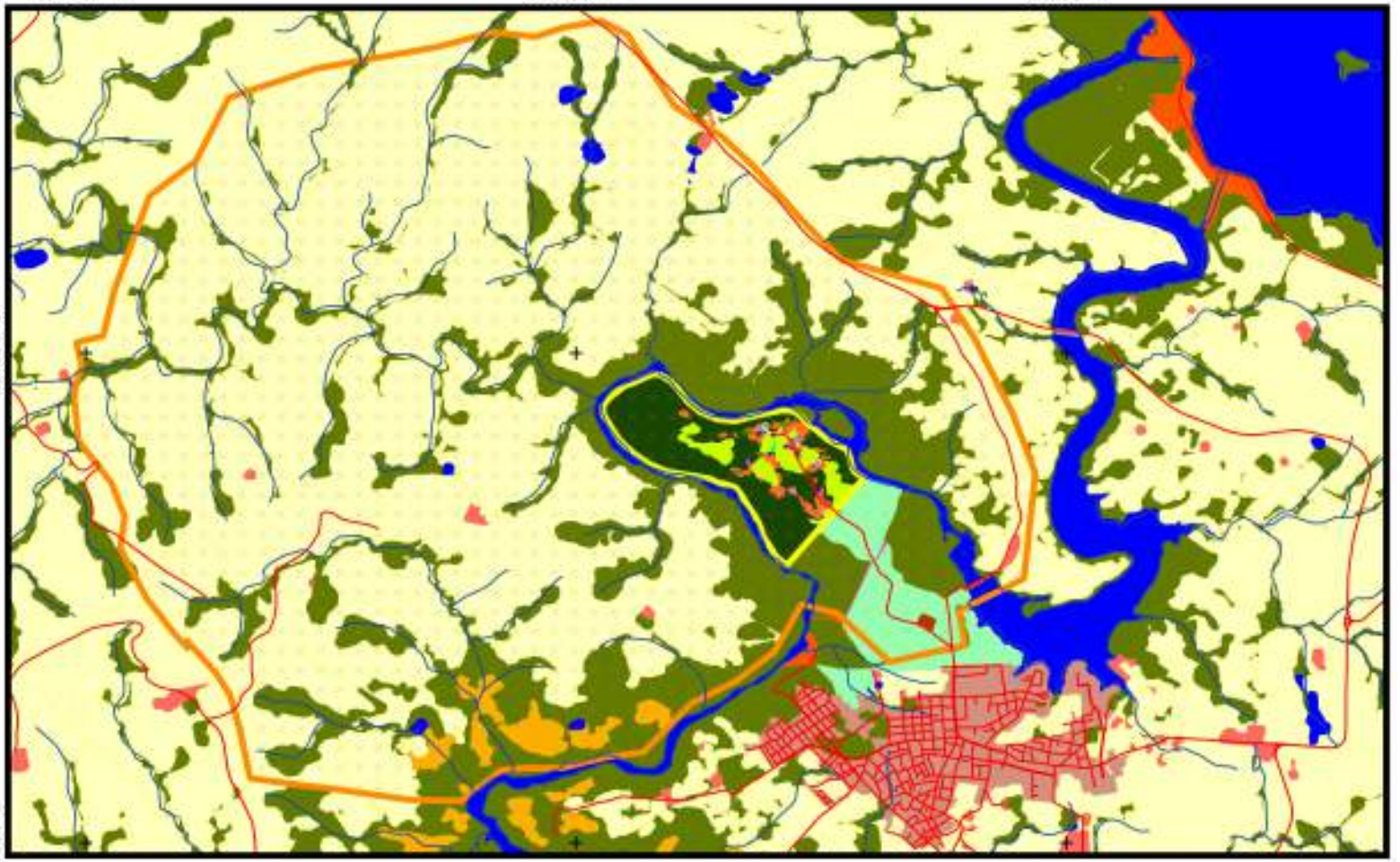
**DEMANDA DE ESTUDOS DE ATUALIZAÇÃO DE LIMITES**

TI SALTO DO JACUÍ

LEGENDA

perímetro TI

zona demandada




0 1000 2000 3000 4000 m

ESCALA 1:7500

SIRGAS2000 - EPSG: 4674

FEV 2017

N

FONTE: Interpretação imagens de satélites Google Earth e mapas elaborados pela comunidade. | HASENACK, H.; WEBER, E. (org.). Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000. Porto Alegre, UFRGS-IB-Centro de Ecologia. 2010. | FUNAI, 2015. Terras Indígenas do Brasil. | OpenStreetMap, 2016.

# GLOSSÁRIO

*Ajaka* – cesto, balaio
*Akará* – cará
*Akeke* - formiga cortadeira
*Akuti* – cutia (roedor nativo)
*Anguja* - roedor pequeno (ratos e camundongos)
*Anhanga piry* – pitanga
*Aprea* – preá (roedor nativo)
*Apyka* – banquinho tradicional mbya
*Ara pyau* – tempo novo (corresponde a primavera e verão)
*Ara yma* – tempo antigo (corresponde ao outono e inverno)
*Araxa'i* – araçá
*Aroka* – água com mel (hidromel)
*Avaxi ete'i* – milho verdadeiro
*Avaxi ku'í* – milho socado no pilão (tipo uma farofa)
*Avaxi pyau* – milho verde
*Avaxi tupi* – milho de fora
*Avia* – sabiá
*Ei* – mel
*Eirá* – irara
*Eiropa* – abelha europeia (Apis melífera)
*Guavira poty* – flor da guabiroba
*Guaxu* – veado
*Guyrapa hu'y* – arco e flecha
*Ijá* – donos
*Inambu* – inhambu (ave nativa)
*Irapuá* – abelha Irapuá
*Jaixá* – paca
*Jakare pito* – cascudo
*Jataity* – butiazeiro
*Jate'i* – abelha Jataí
*Jaxy mbyte* – lua minguante
*Jaxy pyau* – lua nova
*Jeruxi* – pombão
*Jety* – batata-doce
*Ka'a* – erva-mate
*Ka'aguy* – mata nativa
*Ka'aguy ete'i* – matão (matas em estágio avançado ou clímax)
*Ka'aguy yvyi'i* – capoeira (matas em estágio de regeneração - inicial a secundário)
*Kaguare* – tamanduá-mirim
*Kalipioty* – eucaliptal (silvicultura de eucalipto)
*Kapi'i a* – capim-lagrima-de-nossa-senhora
*Kapi'i kaxĩ* – capim-cidreira
*Kapi'iva* – capivara
*Karai* – liderança espiritual (xamã, pajé)
*Kiringué* – criançada
*Kokue* – roças familiares
*Koxi* – porco-do-mato
*Kuery* – coletivo, grupo, povo
*Kui'i* – ouriço
*Kunhã karai* – liderança espiritual mulher (xamã, pajé)
*Kure* – porco
*Kuri'y* – araucária
*Kurupika'y* – pau-leiteiro (Sapium glandulatum)
*Kyja* – ratão-do-banhado
*Maety regua* – fazer e manejar as roças tradicionais
*Mandarina* – bergamota, mexerica
*Mandió* – mandioca
*Mandy* – pintado (peixe nativo)
*Maxete* – facão
*Mbaraka mirĩ* – artefato musical tradicional (chocalho, maracas)
*Mbojapé* – bolo de milho
*Mborevi* – anta
*Mbya kuery* – povo Guarani Mbya, comunidade Mbya
*Mbya reko* – modo de vida Mbya, "bem viver do Guarani"
*Mbytá* – bolo feito de milho verde ralado e assado moqueado nas brasas do fogo de chão
*Mondé* – armadilha tradicional de caça
*Mondé'i* – armadilha pequena
*Monde'pi* – armadilha para pega aves
*Mykuré* – gambá
*Narã* – laranja
*Nhaderamoi* – Porta voz de Nhanderu
*Nhanderú* – Nosso Deus
*Nheë* – nome indígena
*Nhemongaraí* – ritual de nominação das crianças
*Nhenhoty* – plantar
*Nhuá* – armadilha de laço para captura de animais
*Nhundi'a* – jundiá
*Nhundy* – campo
*Oga* – casa
*Oka* – pátio, quintal, entorno de casa
*Opy* – casa de reza
*Pakova* – banana
*Panguaray* – abelha Mirim
*Pavi* – peru
*Pekuru* – taquaruçu (Guadua trinii)
*Pety* – fumo
*Petyngua* – cachimbo tradicional mbya
*Piky'i* – lambari
*Pindá* – anzol
*Pindaxá* – pesca com linha e anzol
*Pindó* – jerivá, palmeira nativa (Syagrus romanzoffiana)
*Pindó regua* – manejo tradicional do jerivá
*Pindóroã* – palmito
*Pindoty* – jerivazal

*Pinhondy* – área de pinus (silvicultura de pinus)
*Pipi* – capim guiné
*Pira* – peixe
*Pirapiré* – dinheiro
*Porã* – bonito(a)
*Puã* – plantas medicinais, de proteção e ritualísticas (“remédios do mato”)
*Puxirão* – mutirão
*Pynó*– urtigão (*Urera baccifera*)
*Rora* – farofa tradicional mbya
*Rovo i* – lontra
*Ta’yré* – larvas de abelhas
*Tajy* – ipé (árvore nativa)
*Takua* – taquara
*Takua ete’i* – taquara-mansa (*Merostachys multiramea*)
*Takua ovy* – bambu verde (*Bambusa* sp.)
*Takua rembo* – criciúma (*Chusquea ramosissima*)
*Tapepo’i* – trilhas
*Tapexu’a* – abelha Tubuna
*Tataypy* – fogo de chão
*Tatu ete’i* – tatu–galinha
*Tatu hai* – tatu–mulita
*Tatu poju* – tatu–peludo
*Teju* – lagarto
*Tekoa* – aldeia
*Tembiaja* – amora (comida do sabiá)
*Tenonderã* – Olhar para o futuro
*Uru* – galinha
*Uru para’i* – galinha d’angola
*Urupina* – galinha garnisé
*Urura’y* – pinto
*Ururupi’a* – ovo
*Vixo ranga* – zoomorfos esculpidos em madeira
*Xakã* – lenha
*Xanjau* – melancia
*Xejary* – anciã, sábia, pessoa vivida do sexo feminino (mulher mais velha)
*Xeramoi* – ancião, sábio, pessoa vivida do sexo masculino (homem mais velho)
*Xi’y* – quati
*Xo’ó* – carne
*Xondaro* – guerreiro (aquele que luta)
*Yakua* – porongo
*Yary* – cedro (Cedrela fissilis)
*Ype* – pato
*Yrupe* – peneira tradicional mbya
*Yva a* – fruta nativa
*Yvy* – terra
*Yvyrupa* – Estrutura que sustenta o mundo que vivemos
*Yxipó* – cipó
*Yxipó reakuã* – cipó-mil-homens (Aristolochia sp.)
**Yxó** – coró, larva de pau
*Yxongy* – açoita cavalo (Luehea divaricata)
*Yxyry’i yakã’ĩ* – mata ciliar
*Yy* – água

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APP – Área de Preservação Permanente
ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural
CAPG-RS - Conselho de Articulação do Povo Guarani do Rio Grande do Sul
CEEE - Companhia Estadual de Energia Elétrica
CEPI – Conselho Estadual dos Povos Indígenas
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
COMIN – Conselho de Missão entre os Índios
CTI – Centro de Trabalho Indigenista
CTL - Coordenação Técnica Local da FUNAI
EJA - Ensino de Jovens e Adultos
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
GAPIN – Grupo de Apoio aos Povos Indígenas
ha – hectare
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
Km – quilômetro
MP - Ministério Público
ONGs – Organizações não governamentais (3° setor)
PGTA - Plano de Gestão Territorial e Ambiental
PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNGATI – Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas
RS – Rio Grande do Sul
SDR - Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado do Rio Grande do Sul
SEDUC - Secretaria Estadual de Educação
SEMA - Secretaria Estadual do Meio Ambiente
SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena
TI - Terra Indígena

**REFERÊNCIAS:**

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo demográfico 2010 - características gerais dos indígenas: resultados do universo. Rio de Janeiro, 2012.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - Relatório de Identificação e Delimitação da Área Indígena do Salto Grande do Jacuí - Grupo de Trabalho, portaria nº1.136/93, de 12/11/1993

HEIZER, R.F. Venenos de Pesca. In: Suma Etnológica Brasileira: Edição atualizada do Handbookof South American Indians. 1 Etnobiologia. Coord. B.G. Ribeiro (3°ed.) Belém: Ed. Universitária UFPA. 1997; p. 105-108 .

HUYER, Bruno Nascimento. Transformação, diferença e os juruá: reflexões antropológicas entre os Mbyá-guarani no Cone Sul. Trabalho de Conclusão em Ciências Sociais. Porto Alegre, UFRGS, 2014.

LADEIRA, Maria Inês. Espaço Geográfico Guarani - Mbya : significado, constituição e uso. Maringá-PR: Eduem; São Paulo: Edusp 2008

SOARES, Mariana. Caminhos para viver o mbya reko. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS, UFRGS, Porto Alegre. 320 f. 2012.

SOUZA PRADELLA, Luiz Gustavo. Entre os Seus e os Outros: horizonte, mobilidade e cosmopolítica guarani. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS, UFRGS, Porto Alegre. 164 f. 2009a.

PRATES, Maria Paula. Da Instablidade e dos Afetos: Pacificando Relações, Amansando Outros; Cosmopolíticas Guarani-Mbyá (Lago Guaíba/RS-Brasil). Tese de Doutorado em Antropologia Social, UFRGS. Porto Alegre . 2013

SCHADEN, Egon. Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

TOMMASINO, Kimiye – Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Guarani de Araça'í (Volume I – Laudo Antropológico) Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 277-556, jul./dez. 2013

## Sites:

http://www.saltodojacui.redecidades.net/dados.html

http://www.saltodojacui.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/pmsj-mapa.jpg

Execução:

Parceiros: